



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE ARQUITETURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E
URBANISMO



**ESPECIALIZAÇÃO EM ASSISTÊNCIA TÉCNICA PARA HABITAÇÃO E DIREITO À CIDADE
RESIDÊNCIA PROFISSIONAL EM ARQUITETURA, URBANISMO E ENGENHARIA**

**A MEDIAÇÃO A PARTIR DA ASSISTÊNCIA TÉCNICA NA OCUPAÇÃO
QUILOMBO MANUEL FAUSTINO: DADOS, POSSIBILIDADES E
MATERIALIDADE**

Aleida Fontoura Batistoti, Arquiteta e Urbanista - Profissional Residente

Thais Troncon Rosa – Arquiteta e Urbanista - Tutora

Trabalho apresentado ao Curso de Especialização em Assistência Técnica. Habitação e Direito à Cidade, como requisito de conclusão do curso, para obtenção do título de especialista e implantação do projeto experimental de Residência Profissional em Arquitetura, Urbanismo e Engenharia da Universidade Federal da Bahia, integrado ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, da Faculdade de Arquitetura, com apoio da Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia.

SALVADOR/BA

Dezembro de 2018

CRÉDITOS DA ELABORAÇÃO DA PROPOSTA

Autoria:

Arqtª e Urbanista Aleida Fontoura Batistoti, Profissional Residente

Arqtª e Urbanista Profª Dr. Thais Rosa Troncon, Doutora - Tutora

Colaboração:

Carolina Barreto Caldas da Costa – Arquiteta e Urbanista - Equipe Quilombo Manuel Faustino

Flávia Mara Henriques Gomes – Geógrafa - Equipe Quilombo Manuel Faustino

Jonas Ximenes – Graduação Arquitetura e Urbanismo - Estágio obrigatório FAUUFBA

Paula Adelaide – Arquiteta e Urbanista

Daniel Marostegan e Carneiro - Arquiteto e Urbanista

Odiléa Estrela de Sousa – Psicóloga

Consultoria:

Tales – Engenheiro Eletricista – Residente da equipe Gamboa

**SESSÃO DE AVALIAÇÃO DO TRABALHO FINAL DE ASSISTENCIA
TÉCNICA:**

Data: 09/11/2018

Local:

Rua Caetano de Moura, 121 Federação CEP 40210-905

Residente:

Aleida Fontoura Batistoti – Arquiteta e Urbanista

Título:

*A Mediação a partir da Assistência Técnica na Ocupação Quilombo Manuel Faustino:
Dados, Possibilidades e Materialidade*

Membros da Banca:

Tutor(a) Thais Troncon Rosa

Membro Interno: Daniel Marostegan e Carneiro

Membro Externo: Clara Pássaro

Representantes da Comunidade:

Aloisa Santos Nascimento (Loló) - Liderança

Raimundo - Coordenador do MSTB

Gleice da Costa Bacelar Aquino - Moradora

Bernardino Santos (Psirico) - Morador

RESUMO

Essa monografia apresenta o trabalho final da Residência em Assistência Técnica, Habitação e Direito à Cidade da Universidade Federal da Bahia junto à ocupação Quilombo Manuel Faustino. Apresenta todo o percurso da assessoria junto à ocupação, contendo diagnóstico, oficinas realizadas, trabalhos participativos, produto final e materialização do mesmo. Este trabalho específico teve como objetivo responder as demandas apresentadas pelos moradores, dentro das possibilidades técnicas, temporais e de recursos. A metodologia se deu com o acompanhamento do cotidiano das dinâmicas presentes na ocupação, mediando a mesma e respondendo de forma imediata e/ou ao longo da assessoria com os recursos possíveis. Esse trabalho teve como tema norteador as áreas livres, sendo destrinchadas em 3 partes, que exprimem os trabalhos desenvolvidos ao longo da assessoria, que são: levantamentos sobre aspectos da ocupação na qual contribuirão com o processo de consolidação, fragilidades de infraestrutura com apontamentos e propostas iniciais acerca das problemáticas, e materialização de mobiliário e parquinho, escolhidos pela ocupação como produtos que contribuirão com as carências presentes nas áreas livres. Conclui-se que, com base nos objetivos da equipe e trabalhos individuais, chegou-se a um bom resultado tanto para a ocupação quanto para a residência. Nota-se as mudanças e contribuições para o território e moradores. Contudo, devido a vulnerabilidade que se encontram, é necessário que haja um acompanhamento mais cotidiano junto a ocupação, para os desdobramentos dos trabalhos realizados, e as diversas demandas que ainda existem e que não foram aprofundadas/solucionadas pelo tempo em campo.

Palavras-chave: assessoria técnica, direito à cidade, sem teto, áreas livres, processo participativo.

This monography presents the final work of the Residency in Technical Assistance, Housing and Right to the City of the Federal University of Bahia next to Quilombo Manuel Faustino occupation. It presents the whole course of the assistance service to the occupation, containing diagnosis, workshops, participatory work, final product and materialization of it. This specific work had as objective to answer the demands presented by the residents, within the technical, temporal and resource possibilities. The methodology was followed with the daily monitoring of the dynamics present in the occupation, mediating it and responding immediately and / or along the advice with possible resources. This work had as its guiding theme the free areas, being uncrossed in 3 parts, which express the work developed along the advice, which are: surveys on aspects of the occupation in which they will contribute to the consolidation process, infrastructure weaknesses with notes and proposals initials about the problems, and materialization of furniture and playground, chosen by the occupation as products that will contribute with the deficiencies present in the free areas. It is concluded that, based on the team's objectives and individual work, a good result was achieved both for the occupation and for the Residence. Changes and contributions to the territory and inhabitants are noted. However, due to the vulnerability they are, it is necessary to have a more daily follow-up with the occupation, for the unfolding of the work carried out, and the different demands that still exist and that have not been deepened / solved by the time in the field.

Keywords: technical assistance, right to the city, homeless, free areas, participatory process.

LISTA DE SIGLAS

APA – Área de Preservação Permanente

CONDER (Companhia de desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia)

MSTB – Movimento sem teto da Bahia

DERBA – Superintendência de Infraestrutura de Transportes da Bahia

MPA - movimento dos Pequenos Agricultores

NEPPA - Núcleo de Estudos e Práticas em Políticas Agrárias

RAU+E – Residência em Arquitetura Urbanismo e Engenharia

FENEA – Federação Nacional dos Estudantes de Arquitetura

EMAU – Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo

IAB – Instituto dos Arquitetos Brasileiro

LOUOS – Lei de uso e ocupação do solo urbano

PDDU – Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano

SEDUR – Secretária de desenvolvimento Urbano

EHMP – Empreendimento de habitação de mercado popular

SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza

UFBA – Universidade Federal da Bahia

PAEXDOC - Programa de Apoio à Extensão Docente

QMF- Quilombo Manuel Faustino

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa de localização da Ocupação	11
Figura 2: Mapa aproximado da Ocupação.....	12
Figura 3: Mapa do entorno	12
Figura 4: Linha do tempo – processo de reintegração de posse	19
Figura 5: Diagrama da primeira audiência	19
Figura 6: Diagrama da segunda audiência.....	20
Figura 7: Mapa de Zonas de Uso.....	20
Figura 8: Mapa SAVAM	21
Figura 9: Mapa Mata Atlântica.....	22
Figura 10: Mapa Duplicação da BA 528 (Estrada do Derba).....	23
Figura 11: Mapa das famílias cadastradas	24
Figura 12: Naturalidade dos entrevistados	25
Figura 13: Moradia anterior a ocupação, relação de parentesco dentro da ocupação e tempo de vivência na ocupação	25
Figura 14: Total de moradores	25
Figura 15: Faixa-etária dos moradores	26
Figura 16: Cor e raça dos entrevistados	26
Figura 17 Estado civil dos entrevistados	26
Figura 18: Escolaridade dos moradores.....	26
Figura 19: Situação ocupacional dos moradores	27
Figura 20: Quantidade de pessoas em uma casa.....	27
Figura 21: Quantidade de moradores em cada casa	27
Figura 22: Materiais das casas.....	28
Figura 23: Investimento para construção da casa.....	28
Figura 24: Relação do comércio dentro das casas	29
Figura 25: Infraestrutura da ocupação e habitações	29
Figura 26: Uso do solo	30
Figura 27: Relação do esgoto em cada casa	30
Figura 28: Relação com a posse da terra	31
Figura 29: Dados a respeito ao auxílio de programas governamentais, cadastro MCMV e pertencimento ao programa MCMV.....	31
Figura 30: Mapa de procedência	32

Figura 31: Mapa de serviços próximos a ocupação.....	32
Figura 32: Serviços utilizados pelos entrevistados.....	33
Figura 33: Relação entre a ocupação Paraiso e Quilombo Manuel Faustino	34
Figura 34: Diagnóstico do território	34
Figura 35: Oficina O que acontece? X O que queremos que aconteça?.....	36
Figura 36: Painel oficina	36
Figura 37: Resultado oficina 1.....	36
Figura 38: Mapeamento da ocupação.....	38
Figura 39: Oficina de mapeamento	38
Figura 40: Mapeamento realizado junto com os moradores.....	38
Figura 41: Resultado oficina de mapeamento	39
Figura 42: Moradores escolhendo as frentes de trabalho	40
Figura 43: Resultado oficina frentes de trabalho.....	40
Figura 44: Moradores interagindo	42
Figura 45: Crianças brincando e ocupando a rua	42
Figura 46: Moradores pegando terra para análise e experimentações da equipe	43
Figura 47: Cartaz da exposição	44
Figura 48: Exposição a cara de quem resiste.....	44
Figura 49: Exposição a cara de quem resiste.....	45
Figura 50: Diagrama projeto específico	48
Figura 51: Linha do tempo projeto específico.....	48
Figura 52: Liderança e estagiário nas medições da ocupação.....	49
Figura 53: Mapeamento da situação dos lotes (moradores temporários e permanentes)	50
Figura 54: Sistema de iluminação presente na ocupação	51
Figura 55: Poste externo - ONG Liter of Light	52
Figura 56: Oficina de áreas livres e comuns.....	53
Figura 57: Oficina de áreas livres e comuns.....	54
Figura 58: Mapa usos que não existem mais.....	54
Figura 59: Mapa com os desejos mapeados na oficina	55
Figura 60: Oficina criando placas, nomeando espaços.....	56
Figura 61: Oficina criando placas, nomeando espaços.....	56
Figura 62: Apresentação da lâmpada de pet - Iluminação natural	57
Figura 63: Oficina Fragilidades e Possibilidades	58
Figura 64: Dialogando a respeito das fragilidades e possibilidades.....	59

Figura 65: Início do Parquinho e mobiliário – Balanço e modelo de banco	60
Figura 66: Proposta de mobiliário	60
Figura 67: Proposta Parquinho	61
Figura 68: Área de intervenção	61
Figura 69: Preparo mobiliário - bancos de pneu.....	64
Figura 70: Início parquinho	65
Figura 71: Lixamento das tábuas.....	66
Figura 72: Junção e apoio das tábuas	66
Figura 73: Escorrega pronto	67

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. OCUPAÇÃO URBANA QUILOMBO MANUEL FAUSTINO	11
2.1 Histórico da ocupação urbana Quilombo Manuel Faustino	11
2.2 Demanda inicial apresentada pelo Movimento Sem Teto da Bahia (MSTB) a RAU+E	15
2.3 Complementaridade e sinergia com outros atores envolvidos	16
3. O PERCURSO DA ASSISTÊNCIA TÉCNICA NA OCUPAÇÃO URBANA QUILOMBO MANUEL FAUSTINO	16
3.1 Aproximação e início da assistência técnica	16
3.2 Diagnósticos	18
3.3 Oficinas coletivas e processo participativo para alcançar as demandas específicas .	35
4. MOMENTO DE TRANSIÇÃO: REPENSANDO A ATUAÇÃO EM CAMPO	41
5. PROJETOS ESPECÍFICOS	45
5.1 Objetivo geral e específico	45
5.2 Justificativa do projeto	46
5.3 O caminho da assistência técnica enquanto construção coletiva para as demandas da Ocupação Urbana QMF	47
5.3.1 Levantamento da ocupação – medições	49
5.3.2 Iluminação externa	50
5.3.3 Oficina I – Mapeando áreas livres: Como podem usar as áreas livres?	53
5.3.4 Oficina III - Criando Placas e nomeando espaços + iluminação natural.....	55
5.3.6 Oficina IV – Fragilidades e possibilidades.....	57
5.3.7 Projeto Parquinho e Mobiliário	59
5.3.8 Execução do mobiliário e parquinho	61
6. CONCLUSÃO	67
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	69
8. ANEXOS	69
Anexo 1 - Dados da ocupação:	69
Anexo 2 - Modelo de cadastro MSTB	70
Anexo 3 - Modelo de cadastro feito pela equipe	71

1. INTRODUÇÃO

Esse trabalho retrata a prática da assistência técnica junto à ocupação urbana Quilombo Manuel Faustino do Movimento Sem Teto da Bahia (MSTB), por meio da Residência em Assistência Técnica, Habitação e Direito à Cidade da Universidade Federal da Bahia. O material em questão aborda o processo desenvolvido durante oito meses, apresentando oficinas, metodologias e resultados construídos participativamente junto aos moradores, desde o trabalho coletivo e individual, até ao produto final escolhido por eles.

A equipe que esteve junto à ocupação, duas arquitetas e urbanistas e uma geógrafa, adotou metodologias diferentes das que são praticadas pela RAU+E para realização da assistência técnica, onde teve como objetivo e foco a concretização e/ou pequenas ações para materialização, mesmo que algo pequeno, no território junto aos moradores. Buscaram-se alternativas como edital e doação de materiais para realização dos projetos.

Na parte individual da realização desse trabalho houve uma fluidez na construção do produto final, uma vez que teve como metodologia o acompanhamento das diversas dinâmicas existentes na ocupação. Devido a alguns acontecimentos e conflitos, motores de instabilidade e propulsor de mudanças nos rumos do trabalho, buscou-se acompanhar todos os momentos que surgiram durante o processo e dar retornos, imediatos ou não, sobre os acontecimentos, assessorando dentro das possibilidades, e mostrando caminhos e apresentando propostas. Ao longo do trabalho buscou-se descrever cronologicamente as etapas da assistência técnica, trazendo imagens para representar e aproximar o leitor da narrativa construída.

Apesar deste acompanhamento mais fluido, que levou a alguns caminhos, a perspectiva de trabalho se deu com as áreas livres e comuns, em que se mostrou um potencial de trabalho devido a carência de espaços com infraestrutura, pela presença de áreas ociosas, e o que o trabalho resultaria para os moradores e as relações sociais entre eles, que desde o início colocaram como uma ocupação desarticulada, desunida, com conflitos e outras problemáticas.

A proposta individual aqui apresentado é dividido em 3 linhas, sendo a primeira o levantamento de informações sobre a ocupação, a qual subsidiará e dará base para o processo de reintegração de posse e consolidação da ocupação. O segundo é o levantamento das problemáticas existentes no território e possíveis soluções, os quais, em alguns casos, há um detalhamento maior e em outras apresenta possibilidades necessitando de desdobramento e tempo de dedicação maior a cada tema. Por fim, a proposta de concretização e materialização de um parquinho para as crianças e mobiliários para a área central, as intervenções propostas estão em diálogo com os dois projetos da equipe, onde o

mobiliário dialoga com a sede, cozinha e parquinho, e o parquinho possibilita um espaço de lazer para as crianças e para as mulheres e mães conciliarem o trabalho na cozinha. Este projeto ainda se encontra em andamento e será finalizado entre novembro e dezembro, assim como as outras ações propostas pelas integrantes da equipe.

A seguir será apresentada a ocupação urbana Quilombo Manuel Faustino e em seguida todo o processo desenvolvido junto às moradoras e moradores.

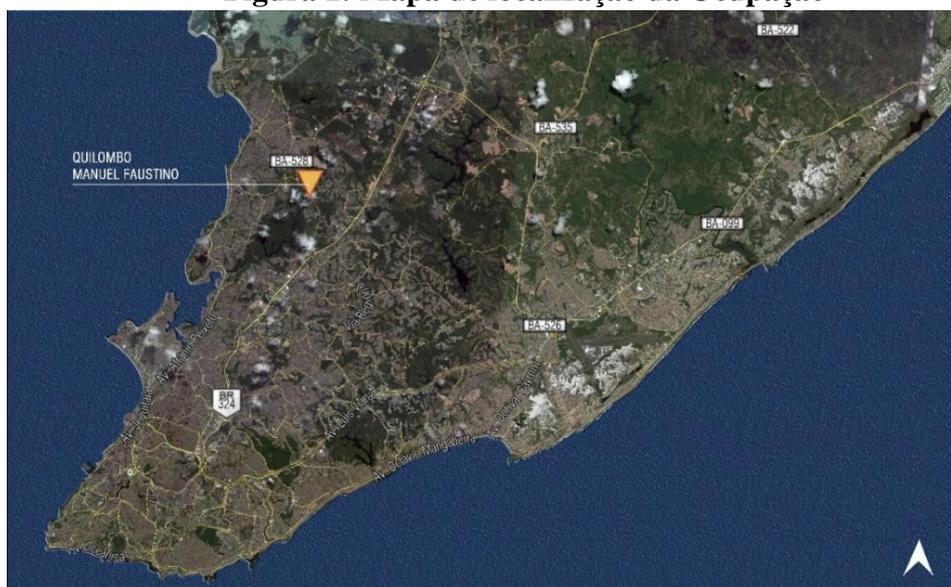
2. OCUPAÇÃO URBANA QUILOMBO MANUEL FAUSTINO

2.1 Histórico da ocupação urbana Quilombo Manuel Faustino

A concentração de riqueza e expansão da pobreza se expressa na dinâmica urbana da cidade de Salvador. Luiz Miranda, mestre em Ciências Sociais pela UFBA e estudioso de movimentos sociais de luta pela moradia, afirma que “Salvador apresenta na sua formação urbana as condições que vão se expressar na construção de habitações subnormais e ocupações, sem infraestrutura necessária e condições dignas de reprodução da força de trabalho. Dessa forma, um fenômeno que vai marcar a cidade é o surgimento das ocupações” (MIRANDA, 2008, p. 57).

É neste contexto que surge a ocupação do Movimento Social Sem Teto da Bahia (MSTB): Quilombo Manuel Faustino. A ocupação tem cerca de 11.000 m² e localiza-se no “subúrbio de Salvador”, entre a margem da BA - 528 do DERBA e a Área de Preservação Ambiental (APA) da Bacia do Cobre.

Figura 1: Mapa de localização da Ocupação



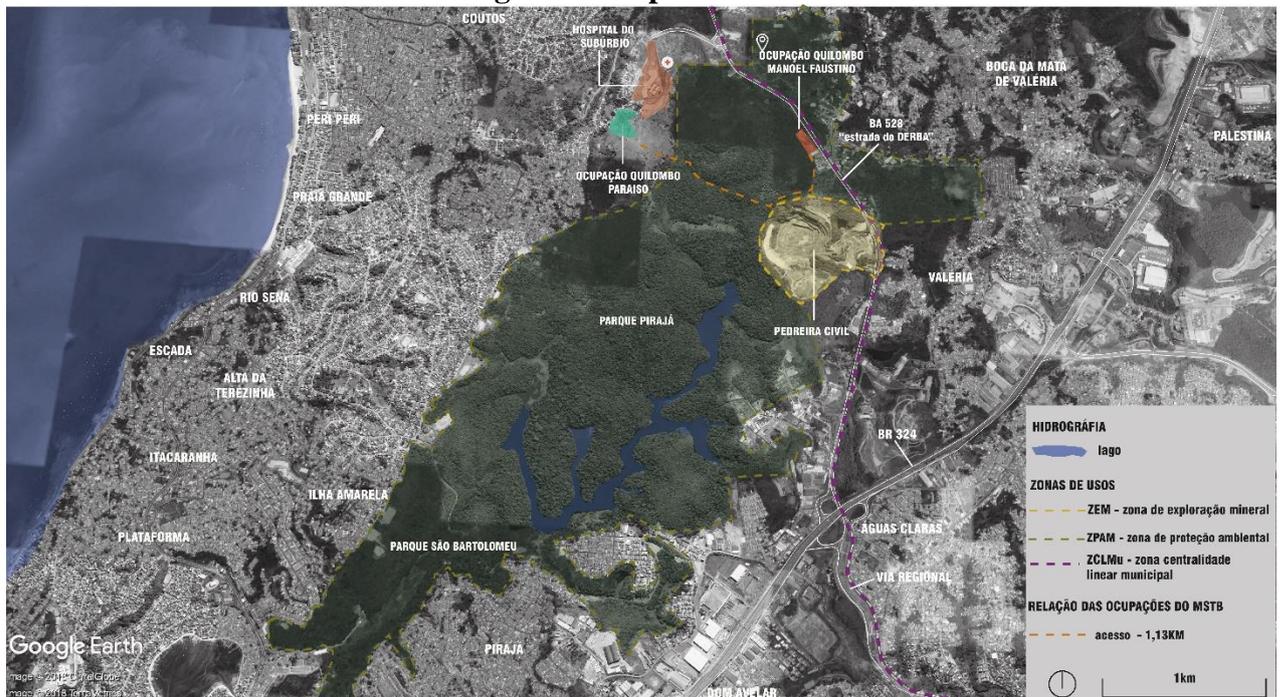
Fonte: Equipe RAU+E (2017)

Figura 2: Mapa aproximado da Ocupação



Fonte: Equipe RAU+E (2017)

Figura 3: Mapa do entorno



Fonte: Equipe RAU+E (2017)

O termo Quilombo, presente no nome da ocupação, não se trata de uma Comunidade Remanescente de Quilombo, como aborda o Art. 68 da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, mas como categoria política enquanto reduto e

símbolo de resistência, memória e luta por direitos historicamente negados à população negra, que compõe a maioria dos residentes desta ocupação. Este nome se refere especificamente a uma luta e reverência política, aliado ao nome de Manuel Faustino, alfaiate negro, filho de escrava liberta e um dos líderes da Revolta dos Búzios, ocorrida no final do século XVIII na cidade de Salvador (CARTACAPITAL, 2009).

A fundação da ocupação se deu em 16 de fevereiro de 2016, com cerca de 58 famílias. A mesma possui em seu histórico um início árduo e de muita resistência, devido a conflitos com “grileiros” e milícia que disputam a terra na qual eles estão. Os moradores e lideranças foram submetidos a perseguições, tiros, ameaças e ataques que acabaram na justiça. Hoje lutam e resistem para continuarem na terra e não sofrerem a reintegração de posse.

A ocupação faz parte de um novo ciclo de ocupações do MSTB, onde houve a preocupação de demarcar um mínimo de traçado urbanístico, delimitação de lotes com as mesmas metragens, definindo ruas e áreas coletivas para futuras construções. A organização do traçado da ocupação se deu com a divisão de 60 lotes, aproximadamente¹, com medidas de 6x12metros, totalizando 72m². As ruas foram divididas entre as principais e internas, e medem, respectivamente, 4 e 3 metros de largura.

Por se tratar de uma ocupação urbana, assim como em vários contextos de ocupações e periferias pelo Brasil, o Quilombo Manuel Faustino carece bastante de infraestrutura, não há habitação de qualidade, as casas são construídas com a reutilização de materiais, sendo eles de diversas ordens, mas em grande maioria com folhas de madeirite, tábuas e lonas. As divisões internas dos barracos são das mais variadas, em alguns casos há um único cômodo, outros são divididos por cortinas e tecidos, algumas divisões se dão pelos móveis e outras são feitas por divisórias fixas.

Sem saneamento básico, algumas habitações não possuem banheiro, outras improvisaram banheiros, em sua maioria, através de fossa, e alguns utilizam da mata e outros da “técnica do balão” para fazerem suas necessidades.

Na ocupação, o acesso à luz elétrica e ao abastecimento de água são feitos por “gato”. A energia elétrica é utilizada por meio do poste de iluminação pública, o que possibilita a instalação de alguns pontos de luz pela ocupação, e chega até as residências. Já a água potável é acessada através de torneiras localizadas em pontos altos, no início de cada rua, onde foram instaladas mangueiras para uso coletivo dos moradores e para

¹ A divisão dos lotes entre os moradores se deu através de sorteio.

utilização nas casas. O problema com a falta de água é recorrente dentro da ocupação, isso se dá devido à ocupação se encontrar em um nível mais alto, o que prejudica a pressão da água, fazendo os moradores ficarem dias sem água.

Outra questão que dificulta a permanência desses moradores, para além das péssimas condições de moradia e saneamento, é o acesso a serviços. A localização da ocupação não favorece fácil acesso à escola, mercado, entre outros serviços básicos. Entretanto, esta realidade não se faz presente apenas para a ocupação Quilombo Manuel Faustino, como coloca Ermínia Maricato a respeito das periferias metropolitanas:

Nas periferias metropolitanas, raramente há bons equipamentos de saúde, abastecimento, educação, cultura, esporte etc, e como o transporte é ruim e caro, os moradores, em especial os jovens, vivem o destino do “exílio na periferia”. Nunca é demais lembrar que pobreza e imobilidade é receita para violência (MARICATO, 2015, p. 45).

Apesar das precariedades presentes na ocupação, o ambiente e a paisagem que eles vivem é de grande valor, eles são rodeados pela APA, e a sua delimitação é feita pela vegetação. Quando os moradores ocuparam a área, tiveram a preocupação de preservar árvores, em sua maioria frutíferas, como meio de subsistência alimentar, podendo-se encontrar hoje cajueiros, jaqueiras, mangueiras, pé de abacaxi, fruta-pão, jambo, abacateiro, entre outras.

O Parque São Bartolomeu foi fundamental para a subsistência das famílias no início da ocupação, a existência do mesmo possibilitou a pesca no rio e na barragem, a colheita de frutas como cajá, manga e jaca, atividades que serviam tanto para comercialização como para consumo da comunidade. Verificou-se que, atualmente, a relação dos moradores com o parque se dá com menor intensidade.

Por se tratar de uma ocupação nova, quase não há presença de pesquisas e trabalhos a seu respeito, o único que tivemos acesso foi “As ruralidades do movimento sem teto da Bahia (MSTB)” de Araújo e Alcântara (2017). No entanto, devido às dinâmicas estabelecidas dentro da ocupação, alguns cenários já não se encontram os mesmos evidenciados pelos autores.

Em seu estudo, Araújo e Alcântara (2017) afirmam que muitas famílias do Quilombo Manuel Faustino vieram do campo, e isso reflete nas ações e comportamentos dos moradores, que reproduzem hábitos comuns do meio rural dentro da ocupação. Através do cadastro feito com os moradores, os dados levantados informam que a maioria é natural de Salvador e uma minoria migrou do interior e de outras regiões. Acredita-se que o

aspecto rural presente dentro da ocupação se dá mais pelo ambiente no qual ela está inserida, e alguns conceitos de desenvolvimento que o MSTB adota nas ocupações.

Araújo e Alcântara (2017) apontam que havia galinheiro e criação de porcos na ocupação, assim como uma iniciativa de horta coletiva construída em parceria com o movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) com a mediação do Núcleo de Estudos e Práticas em Políticas Agrárias (NEPPA). Estes são cenários que também não estão mais presentes, podem-se ver alguns patos e galinhas, mas não parece ser um hábito comum, e os galinheiros e outras estruturas estão desativados².

Ainda de acordo com os autores supracitados, eles colocam que existe uma proximidade entre os moradores, onde alguns possuem relações de parentesco sanguíneo ou de compadrio, formando assim núcleos dentro da ocupação, com redes de solidariedade e trocas entre as pessoas. Essa proximidade entre os moradores também se dá conforme a rua na qual moram, de acordo com relato de moradores. Conforme o cadastro, dentro dos entrevistados, 80% tem alguma relação de parentesco. O que se levantou também, além da solidariedade, foi a formação de grupos, que provoca exclusões e “panelas” entre os moradores.

A seguir, serão apresentadas as demandas expostas pelo MSTB a RAU+E na ficha de cadastro de acordo com necessidades da ocupação e possíveis trabalhos a serem desenvolvidos pelos residentes.

2.2 Demanda inicial apresentada pelo Movimento Sem Teto da Bahia (MSTB) a RAU+E

Conforme ficha cadastral da RAU+E, o MSTB apontou possíveis demandas a serem desenvolvidas pela residência como: plano de urbanização e regularização fundiária para contribuir com o processo de consolidação permanente da ocupação, projetos arquitetônicos que dialoguem com a permacultura e com construção vernacular – bioconstrução, uma vez que a ocupação se encontra lindeira ao Parque São Bartolomeu.

² Como não se trata de uma ocupação estática, os cenários estão novamente mudando, até mesmo devido à assistência técnica presente no território, surgiu um novo projeto de horta, através do trabalho de Flávia Mara (integrante da equipe).

2.3 Complementaridade e sinergia com outros atores envolvidos

No começo da aproximação da equipe com a ocupação, como relatado anteriormente, houveram a presença de atores desenvolvendo trabalhos junto aos moradores. Contudo, ao decorrer do tempo, nos oito meses presentes na ocupação, a presença de grupos não se deu como anteriormente.

A Teto (organização não-governamental latino-americana) sinalizou desenvolvimento de trabalho com algumas ocupações do MSTB, chegou a fazer duas visitas na ocupação Quilombo Manuel Faustino, mas neste tempo que a equipe esteve em campo não houve entrada de atores para desenvolvimento de trabalho.

Houve trocas entre representante do MST e profissionais da agroecologia com as mulheres da ocupação, através do trabalho de Flávia, integrante da equipe.

3. O PERCURSO DA ASSISTÊNCIA TÉCNICA NA OCUPAÇÃO URBANA QUILOMBO MANUEL FAUSTINO

3.1 Aproximação e início da assistência técnica

O primeiro contato com a ocupação se deu no seminário da RAU+E, em 29 de setembro de 2017, na FAUUFBA, quando as lideranças das comunidades apresentaram seus territórios e demandas. Após este primeiro contato, fizemos visitas em cada localidade para conhecer melhor cada proposta.

Em dezembro de 2017, com as comunidades já escolhidas, retornamos à ocupação, junto com o coordenador estadual do MSTB, para informar a escolha da área e sinalizar nossa entrada no território. Em janeiro elaboramos o plano de trabalho e em fevereiro começamos a assistência técnica junto a ocupação.

Neste dia, as lideranças não estavam na ocupação, o diálogo se deu com três moradores, que explanaram um pouco sobre a realidade, o dia-a-dia, as dificuldades e as necessidades da mesma. Aproveitamos este momento para levantarmos o máximo de questões, mesmo que de forma inicial, para a elaboração do plano de trabalho e termos outra visão, agora por parte dos moradores, a respeito das demandas, da proposta do trabalho da residência e possíveis atuações por parte do grupo. O que foi muito ressaltado pelos moradores foi a desmobilização e desunião entre os mesmos, que pontuaram que a comunidade estava parada, sem atividade, sem ações, e com conflitos internos.

No final do mês de janeiro de 2018, a equipe foi convidada para participar de uma atividade de duas pesquisadoras de São Paulo que estavam desenvolvendo trabalho com Lideranças Políticas. Elas entrevistaram as lideranças da ocupação e fizeram filmagens; foi um espaço no qual tivemos a oportunidade de ouvir o que as lideranças pensavam sobre certos temas abordados pelas pesquisadoras, entendermos melhor a militância e o papel delas enquanto líderes, e, também, um momento de aproximação com as mesmas, pois até então as conversas tinham sido isoladas, e nossa entrada na ocupação estava apenas iniciando.

No dia 18 de fevereiro de 2018, a equipe foi convidada a participar de uma atividade do curso de Medicina da UFBA na ocupação, com tema gênero e violência doméstica. Esse momento possibilitou a criação de novos vínculos, conhecemos novos moradores e identificamos a compreensão dos moradores acerca do tema proposto. Neste dia agendamos um café da manhã com as líderes da ocupação para o dia 4 de março, com o intuito de nos apresentarmos melhor, a residência e o trabalho realizado por ela, e iniciarmos os trabalhos de assistência técnica.

O café da manhã foi um momento para explanarmos melhor sobre nossa atuação, sobre como é o processo de assistência técnica para a residência, períodos, propostas, processos e devolutivas. O movimento propôs uma assembleia geral para nossa apresentação no domingo³ seguinte. Ficou encaminhado que iríamos levar para a assembleia um cronograma contendo as datas de nossas idas e as respectivas atividades a serem desenvolvidas.

Planejamos nossa ida, 11 de março, vimos que nossa apresentação seria breve, e, com isso, aproveitamos para inserir na proposta uma oficina de chuva de ideias para dialogar com eles sobre o que gostam e o que não gostam na ocupação e o que poderia ser mudado. Esta oficina não aconteceu, as lideranças não estavam na ocupação e os moradores não haviam sido informados sobre a atividade, a comunidade estava esvaziada, e dessa forma avaliamos que não daria para realizar a oficina naquele contexto⁴.

Com este imprevisto o calendário foi reformulado e decidimos que seria interessante começar com o cadastro dos moradores/casas para que assim pudéssemos ter um contato direto, inicial, e levantarmos informações que seriam primordiais para compreendermos alguns aspectos da ocupação. Nós questionamos muito essa estratégia devido à incerteza se essa seria mesmo uma boa aproximação, pelos processos que eles já

³ Todos os encontros aqui citados aconteceram em domingos pela manhã.

⁴ Conseguimos contato com o movimento, que por motivos políticos e de força maior explicou o ocorrido.

vivenciaram, por entrar em questões mais particulares, por necessitar de uma abertura e confiança na hora de responder as questões. No começo decidimos que não, mas com as circunstâncias que estavam colocadas, devido ao tempo, e sem saber como nos aproximarmos dos moradores de modo rápido, e sem necessitar da presença do movimento, o cadastro foi a alternativa, e a tomada de decisão foi positiva.

O desenvolvimento do cadastro e a aproximação com os moradores e seus resultados serão descritos no item 3.4, que diz respeito ao diagnóstico, resultados preliminares e contexto para delimitação da proposta utilizada para a assistência técnica.

Uma problemática observada no início do trabalho e que teve oscilações no decorrer do processo foi a falta de representatividade do movimento dentro da ocupação. Em diversos momentos não haviam lideranças acompanhando o trabalho, o que de certa forma foi positivo no sentido de desenvolvimento, aproximação e liberdade dos moradores nas participações, e em contrapartida, houve tensionamentos acerca de alguns resultados das oficinas junto as lideranças. Houve também uma alternância de lideranças acompanhando o processo, o que também não foi interessante pelo acompanhamento e continuidade do mesmo.

3.2 Diagnósticos

Foram realizadas diversas ações a fim de alcançar uma aproximação e possibilitar que se fizesse uma leitura do que é a ocupação Quilombo Manuel Faustino. Como estratégias de diagnóstico foram realizadas oficinas (que serão apresentadas adiante), cadastros junto aos moradores, e contextualizações de conflitos que incidem sobre o território, como o processo judicial de reintegração de posse e duplicação da BA 528. Essas condutas foram importantes para entendimento das complexidades do território, para conhecimento do que é a ocupação e levantar as demandas que norteariam o trabalho da equipe.

A ocupação convive com um processo de reintegração de posse em via judicial. Através do acesso aos trâmites do processo de reintegração, a equipe pôde entender melhor o andamento do mesmo. Dessa forma, foram produzidos materiais gráficos de forma clara e resumida para possibilitar uma melhor compreensão da situação que a ocupação se encontra e do entendimento por parte dos moradores.

A seguir, a figura 4 apresenta o histórico do processo de reintegração de posse através de uma linha do tempo, sendo documentado de fevereiro de 2016 até setembro de

2017, período que foi disponibilizado para a equipe. Atualmente o processo encontra-se em tramitação, mas não houve acesso ao documento atual por parte da equipe deste trabalho.

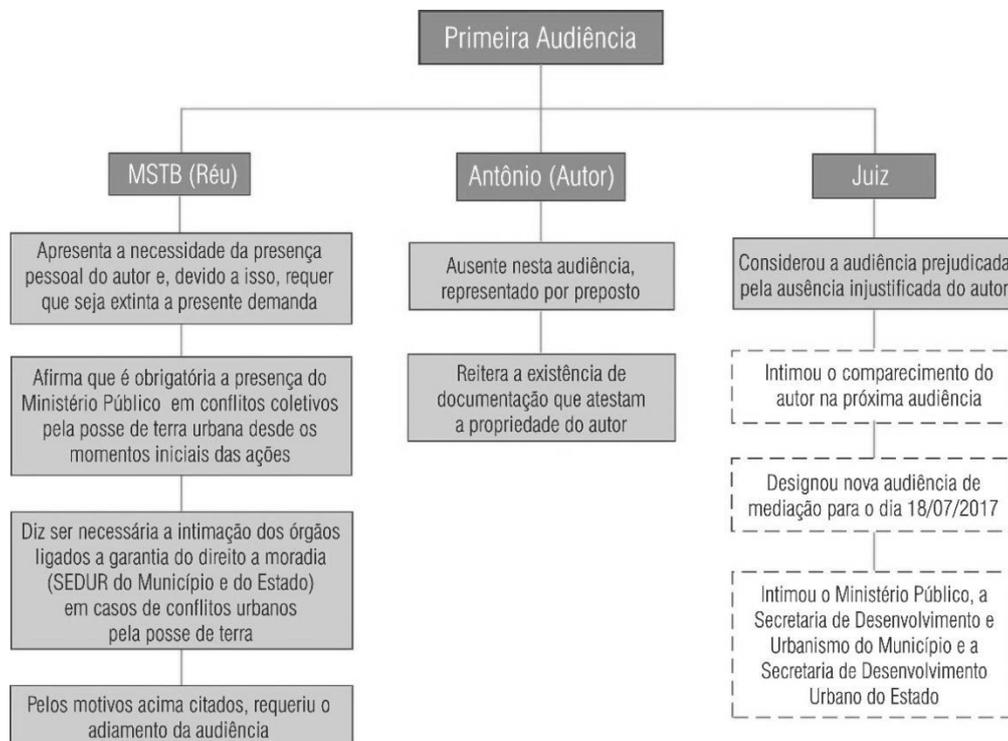
Figura 4: Linha do tempo – processo de reintegração de posse



Fonte: Equipe RAU+E (2017)

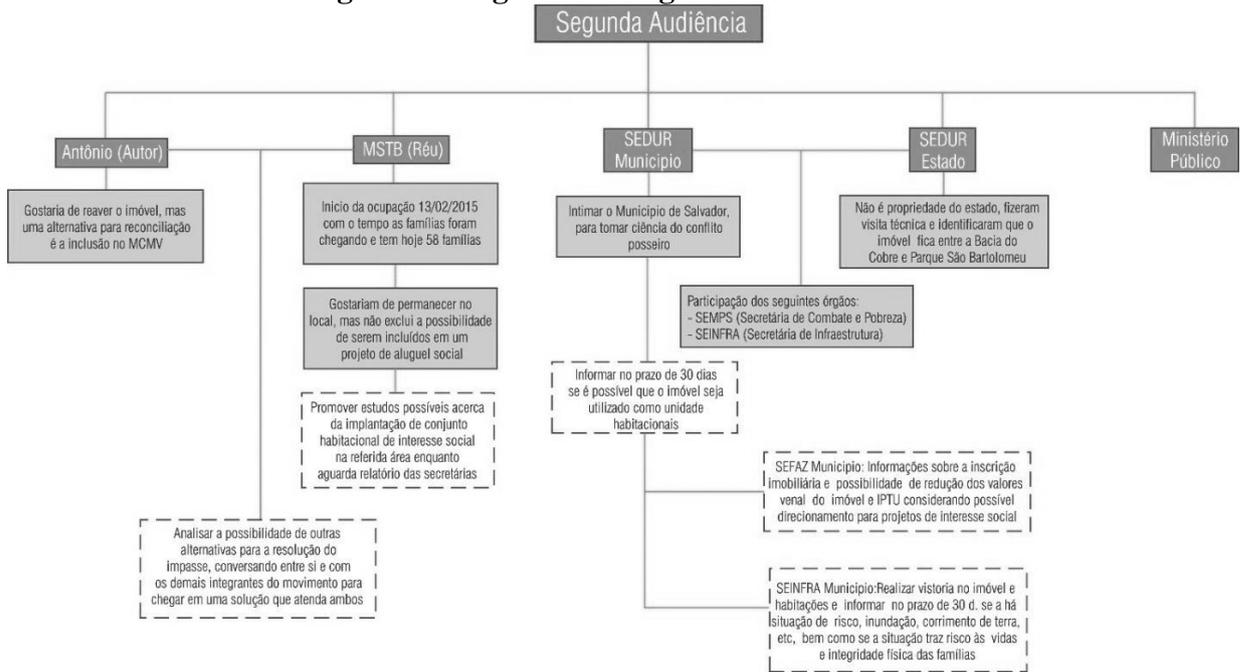
No período apresentado na linha do tempo acima, houve duas audiências, sendo a primeira para justificação de posse e a segunda de mediação, a qual contou com órgão públicos. Nas figuras 6 e 7, são apresentados diagramas resultantes das audiências, contendo falas dos envolvidos e encaminhamentos por parte do juiz.

Figura 5: Diagrama da primeira audiência



Fonte: Equipe RAU+E (2017)

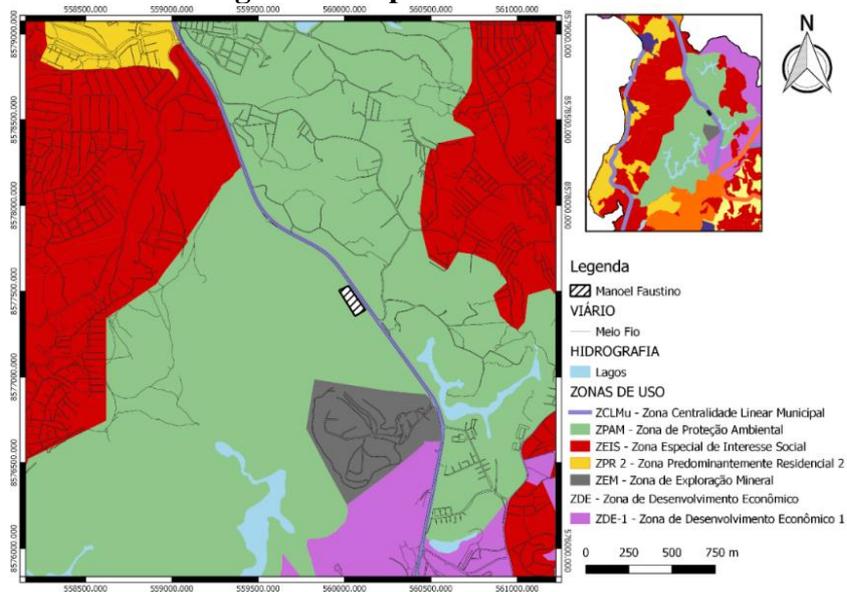
Figura 6: Diagrama da segunda audiência



Fonte: Equipe RAU+E (2017)

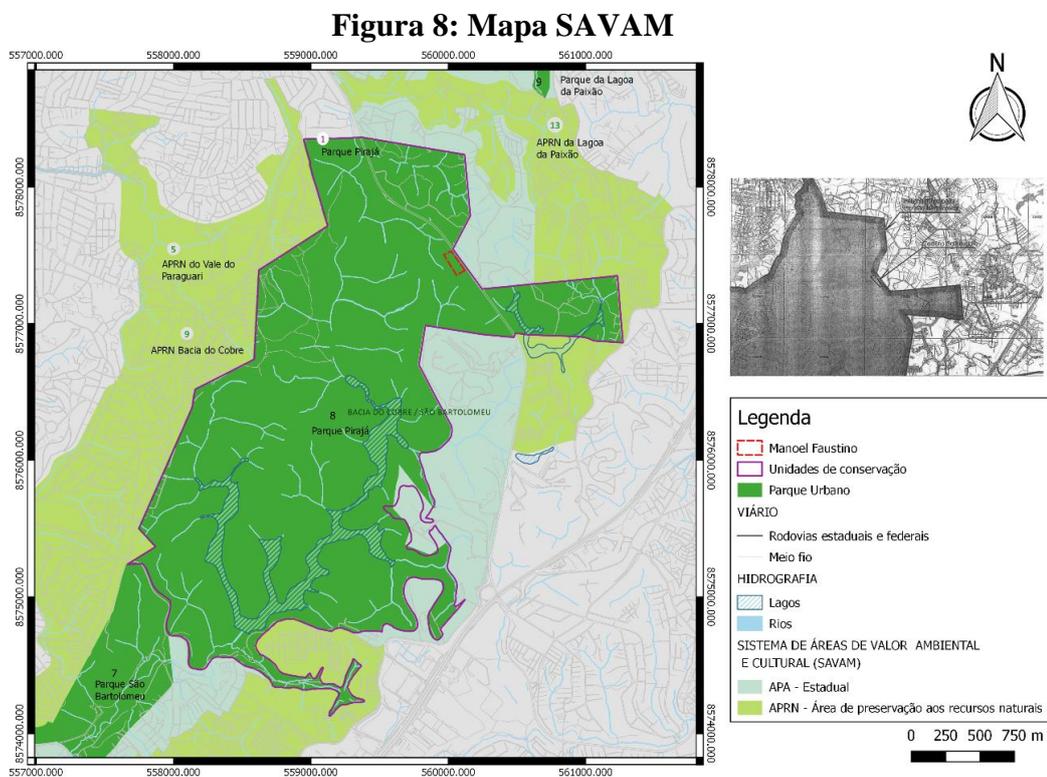
A seguir, serão apresentados mapas temáticos com base na LOUOS e PDDU de Salvador, em relação a área ocupada pelo Quilombo Manuel Faustino. Alguns desses mapas foram anexados ao processo pela Secretária Municipal de Desenvolvimento e Urbanismo (SEDUR), e foram refeitos pela equipe para utilização no trabalho, em resposta ao encaminhamento da segunda audiência, onde vê a viabilidade por parte das secretarias do município e estado para o de Empreendimento de Habitação de Mercado Popular (EHMP).

Figura 7: Mapa de Zonas de Uso



Fonte: Equipe RAU+E (2017)

O terreno está inserido em Área de Proteção Ambiental (figura 9) e Unidade de Conservação, (Figura 10). Encontra-se na área da APA Estadual Bacia do Cobre/ São Bartolomeu, criada pelo Decreto Estadual 7.970 de 05/06/2001 e que não possui Zoneamento Ecológico Econômico.



Fonte: Equipe RAU+E (2017)

Com relação ao zoneamento municipal ambiental e urbanístico, a partir da análise dos mapas, é possível afirmar que incidem sobre a poligonal as seguintes áreas do sistema de Áreas de Valor Ambiental e Cultural – SAVAM, usando como referência a Lei Municipal 9.069/2016:

Parque Urbano (Parque de Pirajá);

Proposição de criação de uma unidade de conservação (Parque de Pirajá).

Com base no PDDU 2016, o art. 279, apresenta as seguintes diretrizes para ocupação em Parque Urbano:

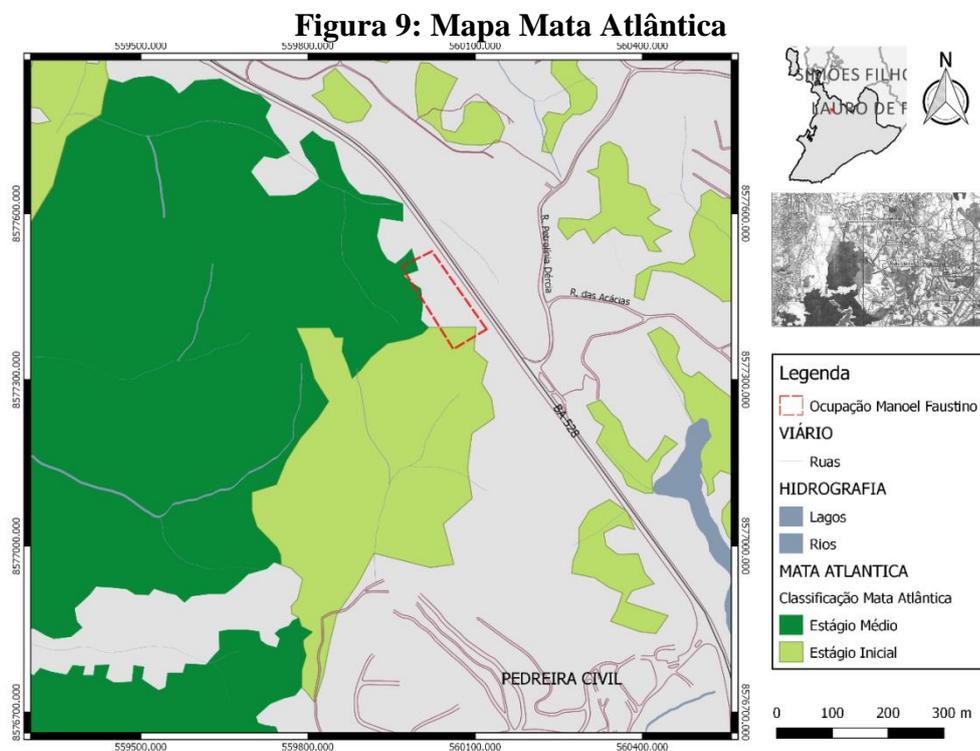
I - Elaboração de planos específicos objetivando a definição das atividades a serem desenvolvidas em cada parque, considerando os atributos ambientais existentes e sua fragilidade, de modo a compatibilizar a conservação ambiental com o uso para o lazer, a recreação, o turismo ecológico, atividades culturais e esportivas e como centro de referência para a educação ambiental;

II - Tratamento urbanístico e paisagístico adequado às funções de cada unidade, que assegurem a conservação ambiental, a preservação e valorização da paisagem e dos equipamentos públicos instalados, a manutenção de índices altos de permeabilidade do solo e da vegetação adaptada para o sombreamento e o conforto ambiental;

- III - Adoção de medidas de controle de invasões e danos ambientais, com participação das comunidades vizinhas;
- IV - Implantação de programas para recuperação de áreas degradadas, contemplando a recomposição ambiental e paisagística (LEI MUNICIPAL 9.069/2016, PDDU, 2016, p. 145).

É oportuno ressaltar que não existem diretrizes específicas para o Parque de Pirajá e que ainda não foi elaborado nenhum estudo para o mesmo (Plano de Manejo ou Zoneamento Ecológico Econômico).

A área que a ocupação se encontra é um espaço especialmente protegido, classificado como Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza – SNUC. E no caso desta área, esta proteção é necessária devido a se tratar de um dos últimos remanescentes de mata atlântica, e o manancial da Represa do Cobre.

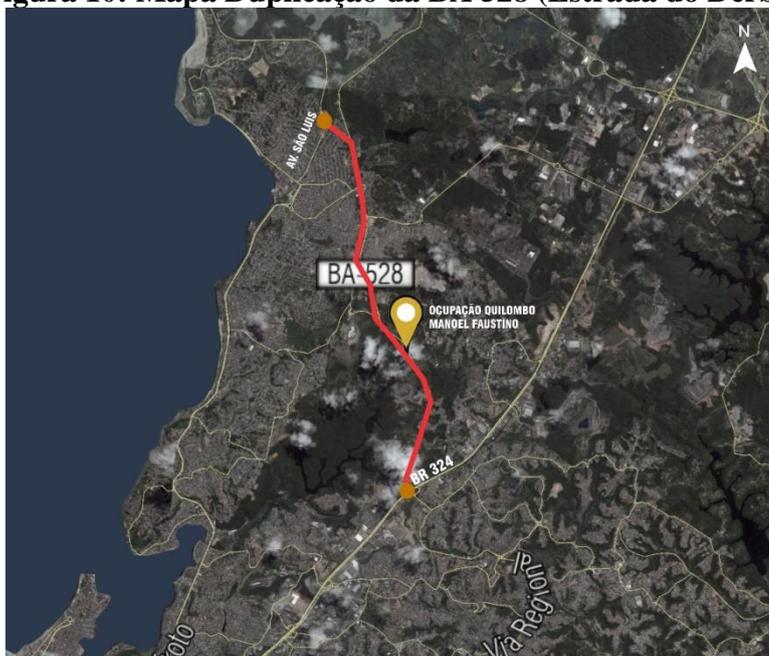


Fonte: Equipe RAU+E (2017)

Além do processo de reintegração de posse, outro conflito presente na ocupação é a possibilidade de duplicação da BA 528 (Estrada do Derba). A equipe teve acesso, por meio da CONDER (Companhia de desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia), ao estudo topográfico e anteprojeto geométrico da duplicação da referida BA. Não foi possível afirmar através dos projetos acessados se a duplicação irá atingir a ocupação, mas observou-se que existe uma proposta de estação de BRT a ser implantada bem próxima à ocupação.

O projeto tem como característica que a via seja arterial primária, tendo como extensão de duplicação 7,5km, sem intersecção, e contará com 3 faixas por sentido, conforme projeto disponibilizado para a equipe. Na figura 11 é apresentado um mapa com o trecho de duplicação da via, que vai da BA 324 à Av. São Luiz, estando a ocupação no meio do percurso.

Figura 10: Mapa Duplicação da BA 528 (Estrada do Derba)



Fonte: Equipe RAU+E (2017)

Dentro das propostas de diagnóstico, como forma de conhecer melhor a ocupação Quilombo Manuel Faustino, se fez necessário a realização do cadastro das famílias. O MSTB não dispunha de dados cadastrais e atuais, as informações acerca da ocupação eram incertas e deficitárias, então com o objetivo de dispor de dados precisos acerca da realidade, e como estratégia de aproximação dos moradores, realizou-se no início do trabalho o cadastro com as famílias.

Dessa forma, com base no modelo cadastral do MSTB (Anexo 2), que atendia nossa pesquisa, elaboramos um cadastro (Anexo 3), dando abertura para pensarmos nossas futuras ações e oficinas. Com isso, foi possível levantarmos informações para além de uma análise socioeconômica, o que possibilitou que os moradores se expressassem a respeito da comunidade, de seus desejos e necessidades.

A aplicação do cadastro se deu em cada casa, com o/a responsável que estava presente, em sua maioria mulheres. Ao todo foram 26 entrevistados, sendo 24 famílias,

com um total de 66 pessoas cadastradas, 41 adultos e 25 crianças/adolescentes. Das pessoas entrevistadas, 65% eram mulheres e 35% homens.

➤ Cadastro

Objetivos: Estratégia de aproximação; Dispor de dados precisos acerca da realidade.

Materiais: Cadastros impressos; Pranchetas; Canetas.

Metodologia: Modelo do cadastro com base ao do MSTB; Perguntas direcionadas aos temas de projetos; A aplicação se deu em cada casa, com o/a responsável que estava presente, em sua maioria mulheres; Perguntas diversas o que possibilitou que os moradores se expressassem a respeito da comunidade, de seus desejos e necessidades.

Resultados: Maior envolvimento e aproximação com os moradores; Dados quali e quanti acerca da ocupação.

A partir da quantidade de famílias cadastradas, fez-se um mapa para melhor visualização dos cadastrados. As casas não cadastradas se deram pela ausência das famílias ou por estarem sem moradores mesmo.

Figura 11: Mapa das famílias cadastradas



Fonte: Equipe RAU+E (2017)

A seguir será apresentado o resultado obtido com o cadastro, que deu origem a infográficos que permitem uma melhor compreensão do mesmo. Houve a preocupação de se utilizar uma linguagem clara, para que este material possa ser entregue para o movimento e moradores.

Figura 12: Naturalidade dos entrevistados
77% DO QUILOMBO É NATURAL DE SALVADOR
OS OUTROS 23% SÃO NATURAIS DE CIDADES PRÓXIMAS

BONFIM DE FEIRA
MARAGOGIPE
SIMOES FILHO
JEREMOABO
NOVA ITARANA
ARACAJU - SE



Fonte: Equipe RAU+E (2017)

Figura 13: Moradia anterior a ocupação, relação de parentesco dentro da ocupação e tempo de vivência na ocupação

ANTES DE IR PARA A OCUPACAO METADE MORAVA DE ALUGUEL
1/3 DAS PESSOAS RESIDIA COM SUAS FAMILIAS, MORAVA DE FAVOR
OU SAIU DE OUTRA AREA OCUPADA. APENAS UM MORADOR TINHA
CASA PROPRIA.



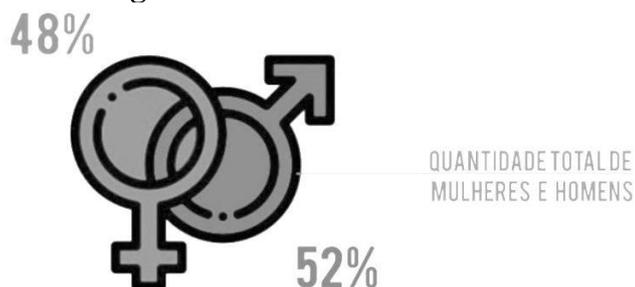
54% DOS MORADORES ESTA NO QUILOMBO DESDE
O INICIO DAS OCUPACOES
8% TEM MENOS DE DOIS ANOS NO LOCAL
38% OCUPA HA MENOS DE UM ANO

DAS PESSOAS QUE RESPONDERAM AO CADASTRO
80% TEM ALGUM PARENTE MORANDO NO LOCAL



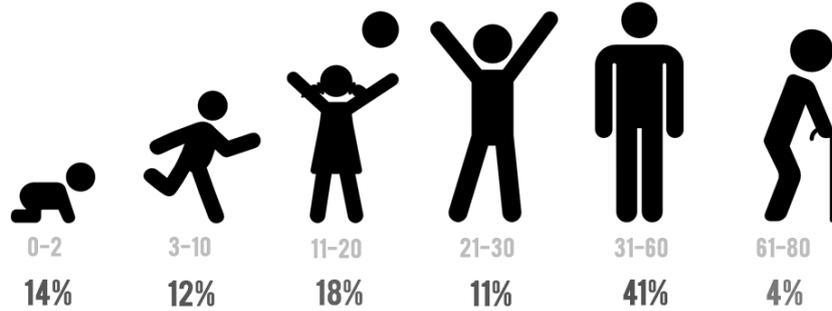
Fonte: Equipe RAU+E (2017)

Figura 14: Total de moradores



Fonte: Equipe RAU+E (2017)

Figura 15: Faixa-etária dos moradores



Fonte: Equipe RAU+E (2017)

Figura 16: Cor e raça dos entrevistados



Fonte: Equipe RAU+E (2017)

Figura 17 Estado civil dos entrevistados



Fonte: Equipe RAU+E (2017)

Figura 18: Escolaridade dos moradores



ADULTOS

ENSINO TECNICO	5%
ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO	44%
ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO	11%
ENSINO MEDIO COMPLETO	16%
ENSINO MEDIO EM CURSO	3%
ANALFABETO	8%

CRIANÇAS

ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO	10%
ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO	10%
ENSINO FUNDAMENTAL EM CURSO	45%
SEM CRECHE	20%
SEM ESTUDAR	15%

Fonte: Equipe RAU+E (2017)

Figura 19: Situação ocupacional dos moradores



O DESEMPREGO REPRESENTA 28%

TRABALHOS INFORMAIS É REALIDADE PARA 48%

TRABALHO FORMALIZADO SOMA 17%

O TRABALHO DOMÉSTICO OCUPA 5%

APOSENTADOS FECHAM O QUADRO COM 2%

Fonte: Equipe RAU+E (2017)

Figura 20: Quantidade de pessoas em uma casa



29% DAS CASAS MORA UMA PESSOA

34% DAS CASAS MORAM DUAS PESSOAS

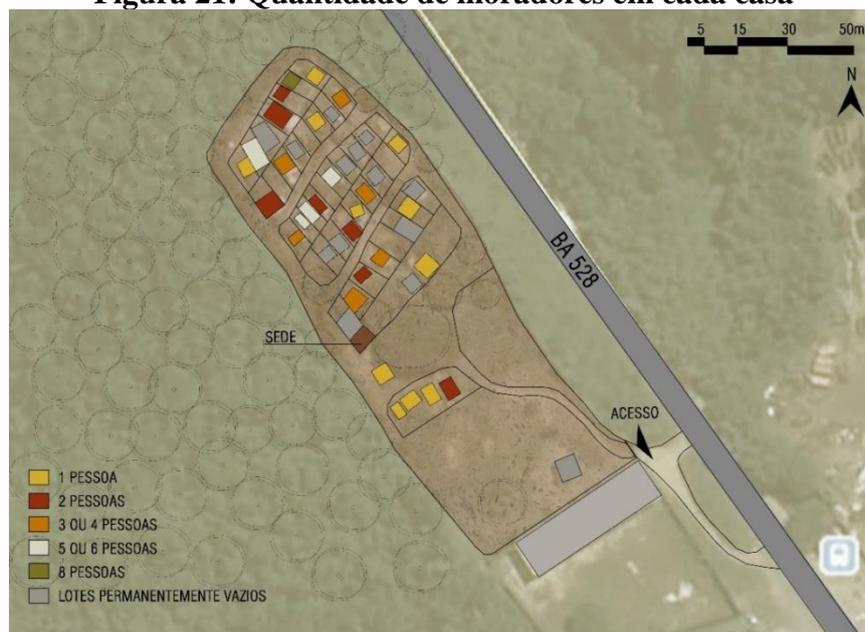
16% TEM TRES OU QUATRO PESSOAS

17% ABRIGAM CINCO OU SEIS MORADORES

4% ABRIGA OITO PESSOAS

Fonte: Equipe RAU+E (2017)

Figura 21: Quantidade de moradores em cada casa



Fonte: Equipe RAU+E (2017)

Figura 22: Materiais das casas



Fonte: Equipe RAU+E (2017)

Figura 23: Investimento para construção da casa



Fonte: Equipe RAU+E (2017)

Figura 24: Relação do comércio dentro das casas



Fonte: Equipe RAU+E (2017)

Figura 25: Infraestrutura da ocupação e habitações

TODAS AS RUAS POSSUEM PONTOS DE AGUA. O ABASTECIMENTO DAS CASAS ACONTECE POR MANGUEIRAS.



BAIXA PRESSAO ABASTECIMENTO IRREGULAR LONGOS PERIODOS SEM AGUA

O DESCARTE DO ESGOTO DO QUILOMBO ACONTECE

**75% POR FOSSA RUDIMENTAR
17% UTILIZA OS BALÕES
8% DESCARTA NA MATA OU VALA**



TODO LIXO SÓLIDO É DEPOSITADO EM CAÇAMBAS E RECOLHIDO PELA PREFEITURA

PONTO DE COLETA NA BA-528 NECESSÁRIO ATRAVESSAR A VIA PARA REALIZAR DESCARTE NÃO EXISTEM REDUTORES DE VELOCIDADE



100% DAS CASAS UTILIZA REDE ELETRICA CLANDESTINA

Fonte: Equipe RAU+E (2017)

Figura 26: Uso do solo



Fonte: Equipe RAU+E (2017)

Figura 27: Relação do esgoto em cada casa



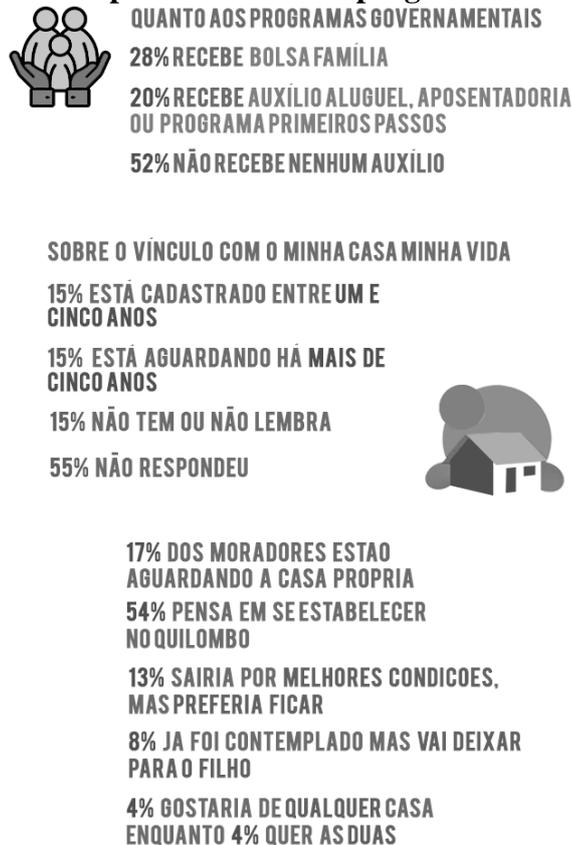
Fonte: Equipe RAU+E (2017)

Figura 28: Relação com a posse da terra



Fonte: Equipe RAU+E (2017)

Figura 29: Dados a respeito ao auxílio de programas governamentais, cadastro MCMV e pertencimento ao programa MCMV



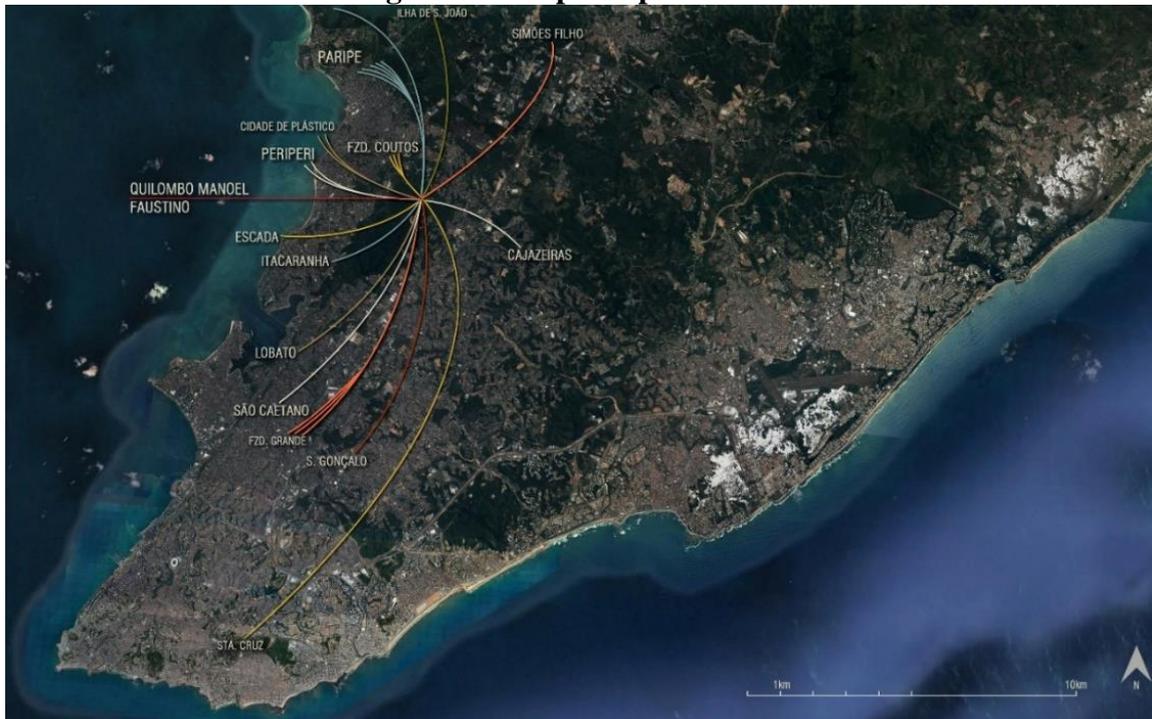
Fonte: Equipe RAU+E (2017)

Conforme levantado no cadastro, a figura 30 representa a procedência dos entrevistados antes de irem para a ocupação. Nota-se também a semelhança dos serviços utilizados presentes na figura 35.

A seguir, a figura 31 traz os serviços próximos à ocupação, levantados pela equipe, com raios de 500m, 1000m e 1500m, onde, em sua maioria, se dão no bairro de Valeria. Já

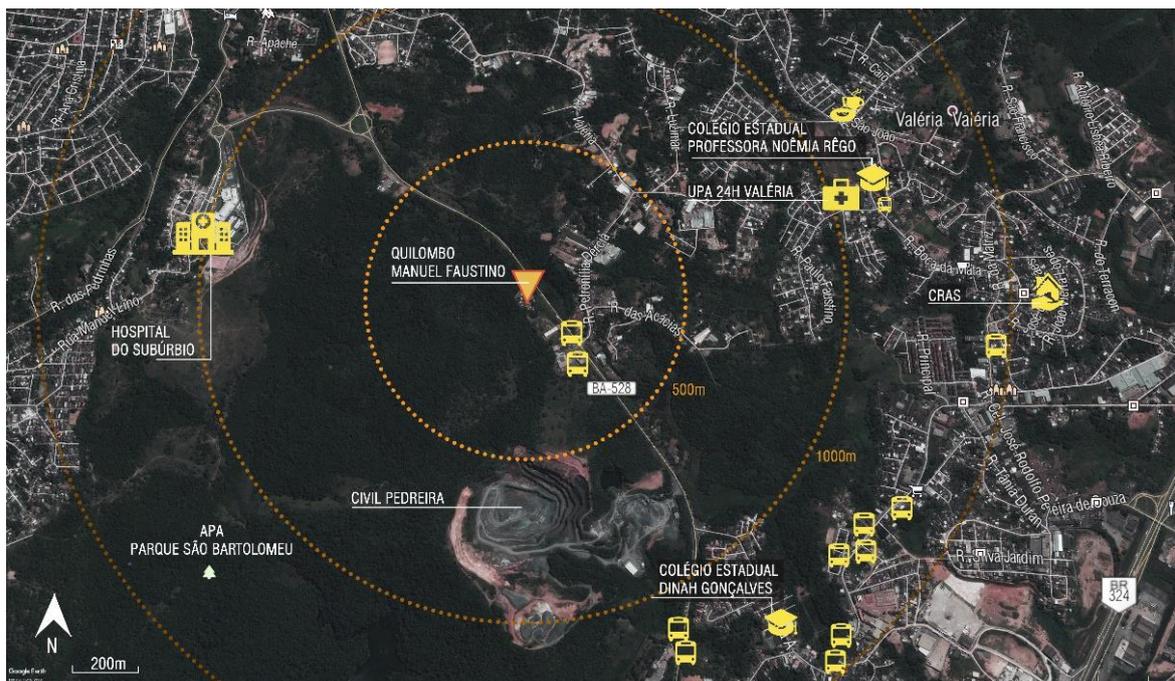
a figura 32, traz os serviços utilizados pelos moradores conforme levantado no cadastro. Muitos moradores falaram da dificuldade em utilizar os serviços públicos, em especial de saúde, pois o cadastro é em outro bairro e os serviços próximos negam atendimento, e os mesmos não conseguem transferir o bairro, pois não possuem comprovante de residência.

Figura 30: Mapa de procedência



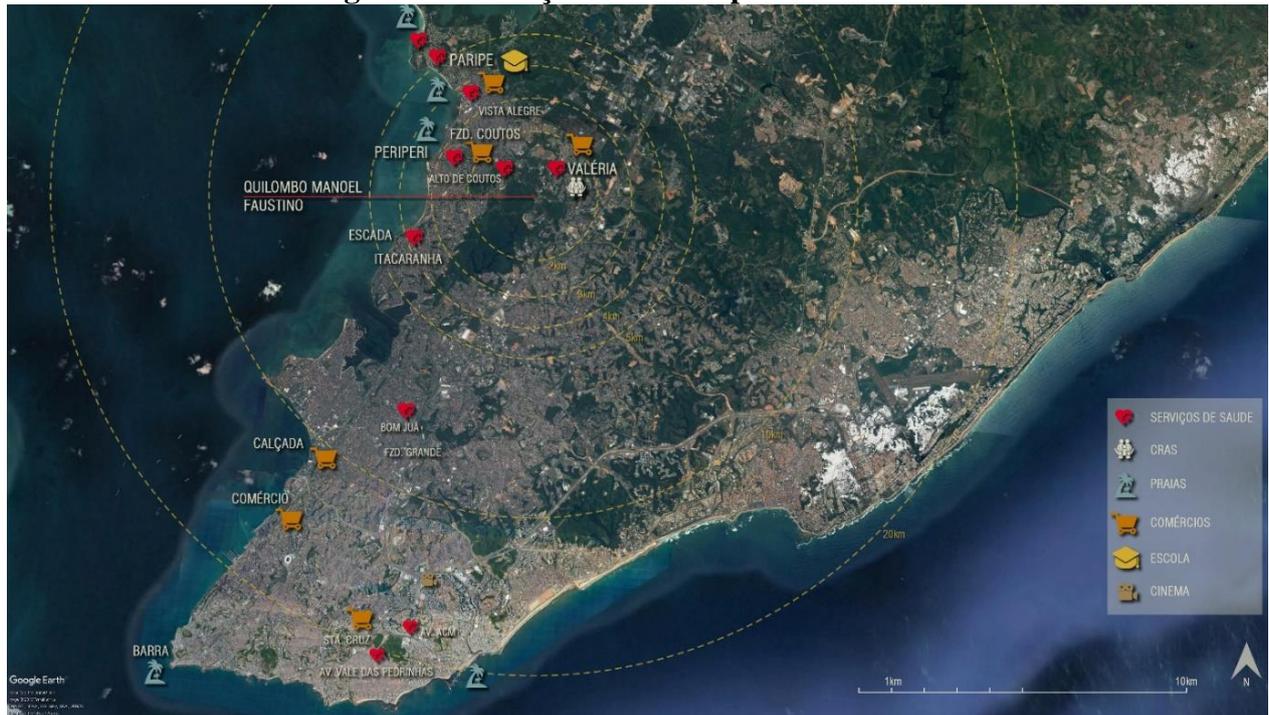
Fonte: Equipe RAU+E (2017)

Figura 31: Mapa de serviços próximos a ocupação



Fonte: Equipe RAU+E (2017)

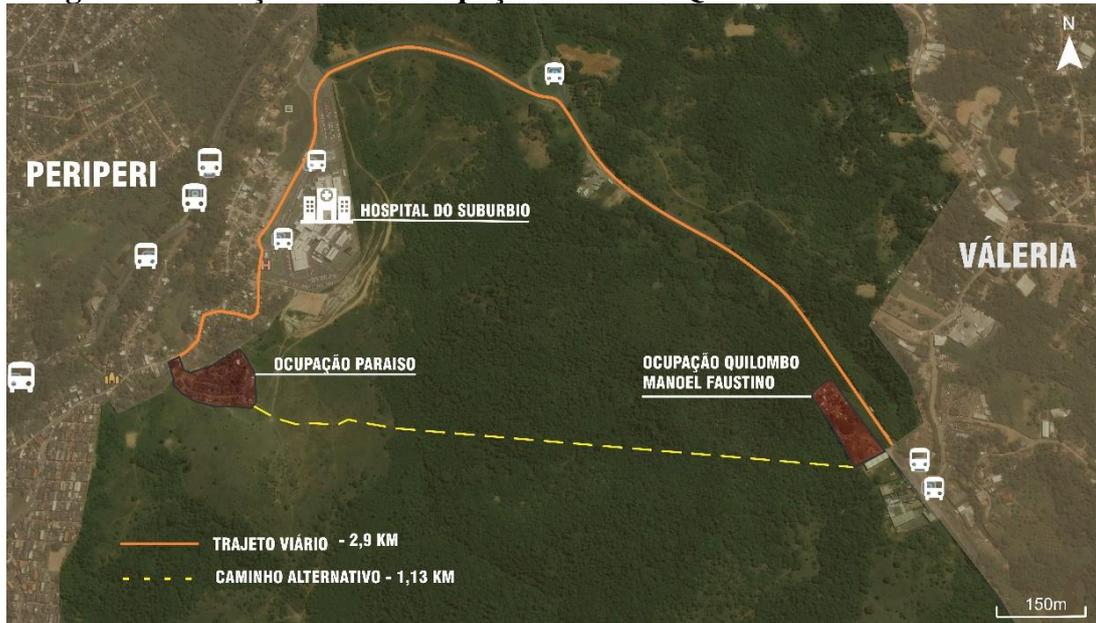
Figura 32: Serviços utilizados pelos entrevistados



Fonte: Equipe RAU+E (2017)

O mapa a seguir traz a relação das duas ocupações do MSTB no subúrbio ferroviário, a ocupação Paraíso e Quilombo Manuel Faustino, ambas se encontram bem próximas e estão “divididas” pela APA. Foi observado pela equipe que existe uma relação entre ambas e um deslocamento entre uma e outra para atividades e eventos do MSTB. Esse deslocamento aparentemente se dá mais pelos moradores de Paraíso para o Quilombo Manuel Faustino, há casos do deslocamento se dar pela mata, por apresentar uma distância menor. A respeito deste deslocamento, a liderança de Paraíso, falou “me sinto mais segura indo pela mata do que pela BA”.

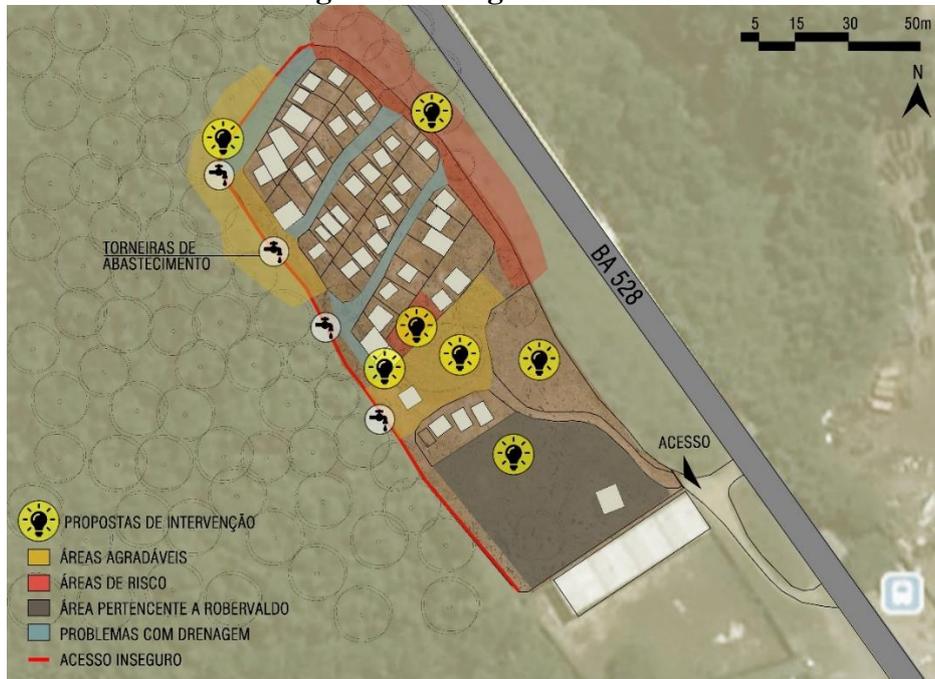
Figura 33: Relação entre a ocupação Paraiso e Quilombo Manuel Faustino⁵



Fonte: Equipe RAU+E (2017)

O mapa abaixo é um diagnóstico feito pela equipe após as idas de campo e oficinas. Observou-se as áreas com potenciais de intervenção por serem áreas agradáveis, áreas de riscos e locais de infraestrutura.

Figura 34: Diagnóstico do território



Fonte: Equipe RAU+E (2017)

⁵ O caminho por dentro da mata, representado no mapa, foi feito para representar, mas não é preciso.

A seguir serão apresentadas as oficinas, metodologias e resultados das oficinas iniciais coletivas de assistência técnica para realização dos trabalhos da equipe.

3.3 Oficinas coletivas e processo participativo para alcançar as demandas específicas

A proposta coletiva se deu com a realização de três oficinas, a fim de conhecer melhor os moradores e a ocupação na qual se iniciava o trabalho. Com isso, foi possível levantar algumas demandas e possíveis frentes de trabalho, para posteriormente direcionar os trabalhos individuais. As oficinas foram realizadas quinzenalmente, aos domingos pela manhã.

A oficina 1 – “O que acontece x O que queremos que aconteça”, realizada depois dos cadastros das famílias teve como objetivo iniciar o mapeamento de potencialidades e problemáticas, incentivar o compartilhamento de opiniões coletadas durante o cadastro para o coletivo e estabelecer as interações comunitárias pelas e com as estudantes.

Para a realização da oficina utilizou-se dos materiais: dois cartazes em branco com o título “O que acontece?”, e o outro “O que queremos que aconteça?”; tarjetas coloridas e canetas hidrocores. A metodologia se deu com perguntas aos moradores a respeito do que acontece na comunidade de uma forma geral: fatos positivos e negativos, e, conforme as respostas, as estudantes escreveram na tarjeta e colaram no cartaz as diversas respostas. Após finalizadas as respostas, foram cortadas as palavras de cunho negativo com um "X". No outro cartaz perguntou-se como podem transformar o que há de negativo e potencializar o que há de positivo e igualmente foram registradas as respostas verbalizadas.

O resultado da oficina foi a coleta de dados sociais, culturais e territoriais; Interação entre os/as moradores; Detecção de conflitos internos e dificuldade de participação de alguns/as.

A seguir, fotos da oficina e resultados obtidos serão apresentados para ilustrar a realização da primeira oficina.

Figura 35: Oficina O que acontece? X O que queremos que aconteça?



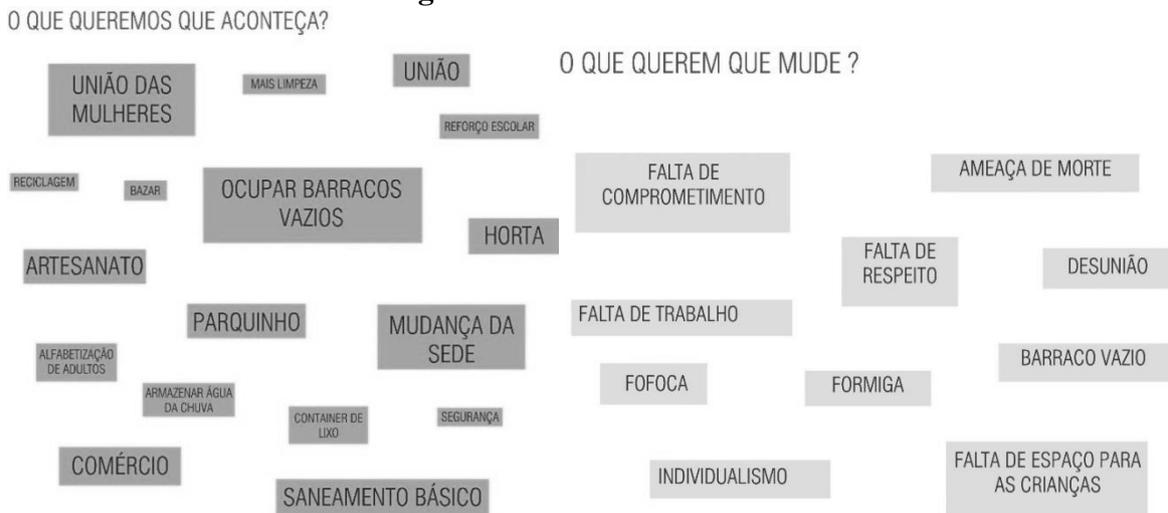
Fonte: Equipe RAU+E (2017)

Figura 36: Painel oficina



Fonte: Equipe RAU+E (2017)

Figura 37: Resultado oficina 1



A oficina 2 foi de mapeamento, a qual teve como objetivo especializar as informações coletadas na oficina 1 e no cadastro, dialogando com mapeamento de características gerais. Compreender melhor as dinâmicas do território e relacionar informações que contemplassem o pré-projeto das estudantes também foram objetivos da oficina, além de registrar fatos relevantes que surgissem de forma espontânea.

Como estratégia de aproximação e momento de trocas, foi pensando um café da manhã para chamar os moradores a compartilharem e participarem da oficina, pois com a primeira oficina notamos uma demora na chegada, além de acharmos que o café é um espaço de troca, que seria oportuno para o início dos trabalhos.

Os materiais utilizados para realização da oficina foram uma imagem satélite impressa em A1, disponibilizado pelo Google Earth, desenhos dos lotes, acesso principal, via de entrada e delimitação da área da ocupação. Os desenhos foram feitos para nortear os moradores na visualização, visto que uma leitura superior não é fácil quando não há o hábito dessa forma de visualização. Ícones impressos, canetas hidrocores também foram utilizados.

A metodologia utilizada foi a leitura e interpretação da imagem junto aos participantes, primeiramente do acesso principal e do local onde estávamos; reconhecimento das áreas mais significativas, espaços coletivos e lotes onde moram. Após essa leitura do território, foram distribuídos os ícones conforme cada tema, (os ícones representavam: áreas agradáveis, áreas ruins e/ou perigosas, local sagrado, plantio e ofício: construção e artesanato) e os/as moradores colocavam nos lugares onde representavam os temas propostos. As informações sobre os ícones e/ou adicionais foram escritas em papel nas bordas da imagem.

Os resultados obtidos foram informações sobre espaços coletivos e privados, dados mais consistentes sobre número de moradores efetivos e barracos vazios, nome e quantidade aproximada de moradores que dialogam com as temáticas propostas pelas residentes e a exposição de desejos, interesses e obstáculos, participação mais ativa dos moradores.

As fotos a seguir expressam o dia da oficina, onde pode ser observada a grande participação dos moradores e o envolvimento, além dos resultados obtidos e sistematização pós oficina.

Figura 41: Resultado oficina de mapeamento



Fonte: Equipe RAU+E (2017)

A terceira e última oficina coletiva – “Criação de frentes de trabalho”, assim como as outras, que foram pensadas a partir de uma continuação e avanço da oficina anterior, ela teve como objetivo sistematizar os dados da oficina 2, a automeação para participação e facilitação das futuras atividades a partir de Frentes de Trabalho e compartilhar e exaltar os saberes locais. Além de introduzir (apresentar) os possíveis projetos da RAU+E.

Os materiais utilizados foram cartazes com os temas "Artesanato, Comércio, Cozinha e Cultura", outro cartaz "Sede?" em branco, e um cartaz com as diversas árvores frutíferas do território, canetas hidrocores e tarjetas coloridas também foram utilizadas.

A metodologia aplicada foi o reconhecimento das atividades e saberes que já acontecem na ocupação por parte dos moradores. De acordo com cada temática destacada, complementaram-se as informações de interesses e ofícios que já acontecem. No cartaz "Sede?" foram escritas as possibilidades e desejos para a reforma. A fim de manifestar interesses e responsabilidades dentro dos temas abordados, cada participante escreveu seu nome em tarjetas coloridas, servindo para compartilhamento de conhecimento e de aprendizagem de nova técnica. As pessoas que já trabalham com os temas abordados e que tinham interesse em ser mediadoras/facilitadoras da temática, tinha o nome circulado, e por fim, reconhecia-se o quanto o lugar onde vivem já é plural e rico, e pode ser ainda mais. As

residentes expuseram suas ideias iniciais a cerca dos trabalhos individuais que estavam se desenhando.

Os resultados atingidos foram a organização e a visualização de interesses, dialogando com a relevância dos Projetos da RAU+E, a criação de Frentes de Trabalho para as atividades direcionadas à Formação Técnica - Produção artesanal com recursos locais e Bioconstrução - de acordo com interesses e capacidades, auto responsabilização por parte dos/as moradores e encaminhamento para o desenvolvimento dos projetos. A seguir, as fotos representam a oficina e seu desenvolvimento, assim como os resultados e participação dos moradores durante o processo.

Figura 42: Moradores escolhendo as frentes de trabalho



Fonte: Equipe RAU+E (2017)

Figura 43: Resultado oficina frentes de trabalho



Fonte: Equipe RAU+E (2017)

Após essa oficina houve uma pausa de campo, onde ocorreu o seminário interno II na residência e as festas de São João na cidade. Esperava-se que com o retorno fossem retomadas as frentes de trabalho e propostas individuais mais definidas, para que se começasse uma nova etapa junto aos moradores. Contudo, devido a dinâmica e realidade presentes na ocupação, não foi possível de imediato, sendo construídos novos caminhos para realização da assistência técnica. Como será mostrado a seguir.

4. MOMENTO DE TRANSIÇÃO: REPENSANDO A ATUAÇÃO EM CAMPO

A parte descrita até o momento compõe uma parcela do trabalho, realizada em grupo, nos meses de março a maio. Foi um momento de aproximação com a ocupação, de obtenção de conhecimentos sobre o território e as pessoas inseridas nele, as dinâmicas existentes, e, também, um levantamento de demandas e vontades dos moradores, e identificação de possíveis campos de trabalho, que posteriormente seriam aprofundados.

Em junho, devido ao seminário na Residência e ao período de São João, ficamos algumas semanas afastadas do território. Após o São João, quando iríamos retornar à Manuel Faustino, recebemos a notícia que havia ocorrido dois homicídios na ocupação⁶. Com a ocorrência do fato, foi fundamental repensar a atuação da equipe, pois não havia “clima” para retornar com a metodologia que até o momento estávamos utilizando. Com isso, novas estratégias foram repensadas e novos caminhos traçados, mudando um pouco da dinâmica do trabalho específico.

Participamos de reuniões junto ao movimento que trataram de ações para o processo de reintegração de posse e após os homicídios, reuniões também sobre o fato. Os moradores estavam bem abalados com o ocorrido, algumas pessoas haviam saído da ocupação com medo e outras, que não tinham para onde ir, permaneceram e resistiram, até que o medo, insegurança e tudo aquilo que havia ocorrido passasse.

Uma semana após o fato, no momento de repensar nossa atuação e sentir como estava a ocupação/pessoas retornamos como ida mais “livre” para fotos e novos cadastrados, já que o objetivo era fazer uma exposição fotográfica com eles na semana

⁶ Cabe esclarecer que a ocupação Quilombo Manuel Faustino não é um território conflituoso, porém existem problemas, assim como em qualquer grupo social. Apresenta-se aqui à ocorrência desse fato, pois foi um momento importante que implicou em repensar as atuações dentro da ocupação, o que interferiu na linearidade do trabalho coletivo para o individual.

seguinte⁷. Levamos corda e elásticos para as crianças, pois observamos que faltavam esses espaços de lazer e brincadeiras.

Quando chegamos eles já estavam prontos a nossa espera, haviam muitas pessoas nas ruas, o clima tenso da semana passada já havia melhorado e aos poucos estavam esquecendo o que havia ocorrido. Os homens e meninos estavam jogando bola e as meninas começaram a brincar de corda e elástico.

Realizamos 5 novos cadastros neste dia, sendo 3 moradores novos, que entraram com a estratégia de ocupar os barracos vazios e duas famílias que não estavam na ocupação no cadastro anterior.

Figura 44: Moradores interagindo



Fonte: Equipe RAU+E (2017)

Figura 45: Crianças brincando e ocupando a rua



Fonte: Equipe RAU+E (2017)

⁷ Ir para fazer fotos foi algo bom, pois muitos gostavam de ser fotografados, eles sabiam que estávamos indo para isso, e na outra semana haveria a exposição, quando chegamos eles já estavam prontos e arrumamos, todos bonitos, à espera das fotos.

Aproveitamos nossa ida para coletar terra local, pois paralelo as ações na ocupação estávamos fazendo experimentos na universidade para ver a viabilidade de alguma construção com terra, demanda apresentada inicialmente pelo MSTB, pelo interesse da equipe com a técnica construtiva e pelos fatores favoráveis a escolha, pelo local onde a ocupação está inserida e capacitação de uma técnica ecológica e possível entre os moradores.

A figura abaixo expressa este momento relatado, e também do envolvimento dos moradores com a equipe, que fizeram questão de coletar a terra para levarmos. As crianças são peças-chaves, sempre muito animadas com nossas idas e sendo parte, acompanhando e participando de todo processo⁸.

Figura 46: Moradores pegando terra para análise e experimentações da equipe



Fonte: Equipe RAU+E (2017)

Após as mortes adotou-se a estratégia de fazer uma exposição fotográfica intitulada “A cara de quem resiste” como forma de fortalecer os moradores que permaneceram na ocupação, e que estão diariamente na luta e resistência. A fotografia é um elemento que sempre esteve presente no decorrer do trabalho, no cadastro dos moradores, na realização das oficinas. A ideia inicial era fazer uma exposição no final do trabalho, com todo o desenvolvimento já realizado, contudo, foi crucial realizá-la naquele momento, como

⁸ O edital de extensão da UFBA (paexdoc) que junto com o tutores ganhamos, iria inicialmente viabilizar a reforma da sede com técnicas de bioconstrução, contudo, do decorrer do processo tivemos que ir por outros caminhos e a bioconstrução acabou não tendo o mesmo peso como planejado inicialmente, pretende-se na cozinha fazer uma parede em adobe para aprendizado da técnica pelos moradores.

forma de levantar o astral e mostrar a força dos moradores que resistiram e permaneceram no local. Fizemos uma dinâmica, semelhante a um “amigo-secreto”, na qual uma família ficava com um porta-retrato de outra família, e para entregar, tinham que apresentar a outra família, falando qualidades para descrevê-la.

Figura 47: Cartaz da exposição

A CARA
de quem
RESISTE



Fonte: Equipe RAU+E (2017)

Figura 48: Exposição a cara de quem resiste



Fonte: Equipe RAU+E (2017)

Figura 49: Exposição a cara de quem resiste



Fonte: Equipe RAU+E (2017)

5. PROJETOS ESPECÍFICOS

5.1 Objetivo geral e específico

O objetivo geral desse trabalho foi o assessoramento técnico à ocupação urbana Quilombo Manuel Faustino, por meio do levantamento de demandas e necessidades, a fim de apresentar projetos e propostas que pudessem ser concretizadas, tanto no decorrer do trabalho da residência, com a equipe, quanto posteriormente por parte dos moradores.

Objetivos específicos:

- Levantamento prévio da ocupação;
- Mapeamento das áreas livres e possíveis intervenções no território;
- Mapeamento de fragilidades de infraestrutura e possíveis soluções;
- Levantamento da iluminação existente e possíveis propostas;
- Construção de área de lazer e convívio – Mobiliário e Parquinho;

- Desenvolver material sobre a ocupação para contribuir na consolidação e processo de reintegração de posse.

5.2 Justificativa do projeto

O projeto específico em questão trata do assessoramento técnico de oito meses, que teve como metodologia o acompanhamento das dinâmicas e fluxos da ocupação, procurando apresentar caminhos e/ou soluções para os acontecimentos.

Observa-se que, ao longo do desenvolvimento do processo de assistência técnica, o trabalho não apresentava um produto específico a ser trabalhado, trabalhou-se em cima do tema relacionado a áreas livres, que se delineou até a decisão, por parte dos moradores da ocupação, sobre qual produto eles necessitavam.

Esse produto é resultado da forma de trabalho que o grupo adotou, que desde o início, pretendia-se concretizar algo, o foco não era entregar um projeto que “seria engavetado” pelos moradores da ocupação no final do processo, mas sim, de forma conjunta, propor caminhos onde, através da assistência técnica, concretizássemos produtos, mesmo que pequenas coisas, junto a ocupação.

Essa escolha se deu por alguns motivos, primeiro, devido a crítica por parte das comunidades de que, muitas vezes, a universidade entra nesses territórios e não deixa produtos efetivados; segundo, por alguns acadêmicos fazerem projetos que estão distantes da realidade estudada in loco, o que caracteriza um grande dificuldade por parte das comunidades em conseguir concretizar e realizar esses projetos; e terceiro, pela realidade e conjuntura da ocupação Quilombo Manuel Faustino, que evidenciou que o trabalho deveria seguir por outro caminho, pautando o fortalecimento do sentimento de coletividade, a mobilização, a união, e plantando sementes, para que os moradores tenham forças para lutar por novas melhorias e potencializar as sementes plantadas, uma vez que , pelo cenário de desarticulação que existia na ocupação, dificilmente conseguiriam buscar recursos, e/ou cobrar políticas públicas para sua realização.

Sabe-se da importância que se tem um projeto enquanto instrumento político para grupos sociais marginalizados e excluídos, que poucos acessam seus direitos básicos e a cidade. Não estamos questionando isso, pelo contrário, arquitetos e urbanistas, e outros profissionais, devem estar cada vez mais próximos da assessoria técnica, fortalecendo esses grupos e contribuindo com respaldos técnicos, em uma troca de via de mão dupla.

Mas observou-se que com essa ocupação específica o direcionamento deveria ser outro. E que sinaliza ter sido satisfatório.

Como enfatizado ao longo do trabalho, devido a desunião e contexto na qual a ocupação vem vivendo, a proposta de pensar áreas comuns é pertinente, pois dialoga com as carências presentes hoje, reforça laços de coletividade, proporcionam trocas que atualmente foram perdidas e colabora para a consolidação e permanência desses moradores, além de dialogar com os trabalhos da equipe, fazendo ligação entre os espaços propostos.

Por se tratar de uma ocupação urbana, e inserida em uma APA, falar sobre as fragilidades de infraestrutura se faz mais do que necessário, pois muitas são as precariedades existentes. De forma imediata, com baixo custo, utilizando os materiais de fácil acesso, pretende-se apresentar alternativas para que os moradores de forma pontual, enquanto luta pela direito à moradia e busca de melhores condições de habitar, possam intervir no local que se encontram para melhorar as condições de infraestrutura para eles e para o meio, tendo a preocupação das condicionantes do território, de estarem em uma área de preservação ambiental.

Assim, este trabalho específico, unindo com as demais proposta da equipe, que são o trabalho com as mulheres e a cozinha coletiva, objetiva-se proporcionar transformações positivas para a ocupação e vida dos moradores, contribuindo para permanência, consolidação e fortalecimento dos laços entre os moradores.

5.3 O caminho da assistência técnica enquanto construção coletiva para as demandas da Ocupação Urbana QMF

O diagrama abaixo é uma representação do trabalho específico desenvolvido ao longo da assistência técnica, como já abordado anteriormente, as áreas livres foi o tema central do trabalho, sendo desenvolvido outras frentes dentro desta temática de acordo com as demandas e dinâmicas presentes no território, como as fragilidades de infraestrutura, levantamentos e materialização. Os trabalhos desenvolvidos estão presentes na linha do tempo a seguir, e serão explanados com maiores detalhes abaixo.

Figura 50: Diagrama projeto específico



Fonte: Própria da Equipe

A seguir, na linha do tempo, será apresentado o percurso deste trabalho, cronologicamente, mostrando o que foi feito conforme o fluxo e dinâmicas da ocupação, oficinas e ações, até chegar no produto escolhido pelos moradores, que é o parquinho e mobiliário na área central da ocupação.

Figura 51: Linha do tempo projeto específico



Fonte: Própria da Autora

5.3.1 Levantamento da ocupação – medições

O trabalho individual começou com o levantamento da ocupação, no mês de junho, e contou com a ajuda do estagiário da FAU/UFBA e da liderança Loló que nos acompanhou e participou das medições.

Devido as irregularidades e complicações para se fazer o levantamento da ocupação⁹, optou-se por um levantamento aproximado, sabendo que seriam necessários outros equipamentos para um levantamento mais preciso. Iniciou-se então a medição de todas as testadas dos lotes, e as laterais dos lotes de esquina da quadra para ter a referência do lote e quadra, com uma imagem satélite, no programa autocad, desenhou-se, aproximadamente, os lotes.

O objetivo do levantamento foi um estudo de como encontra-se a ocupação, levantamento das áreas livres e dimensões dos lotes, pois no início do processo o MSTB falou sobre alguns lotes estarem com dimensões erradas e que iria corrigir, então seria mais uma ferramenta para contribuir com os processos internos.

Figura 52: Liderança e estagiário nas medições da ocupação



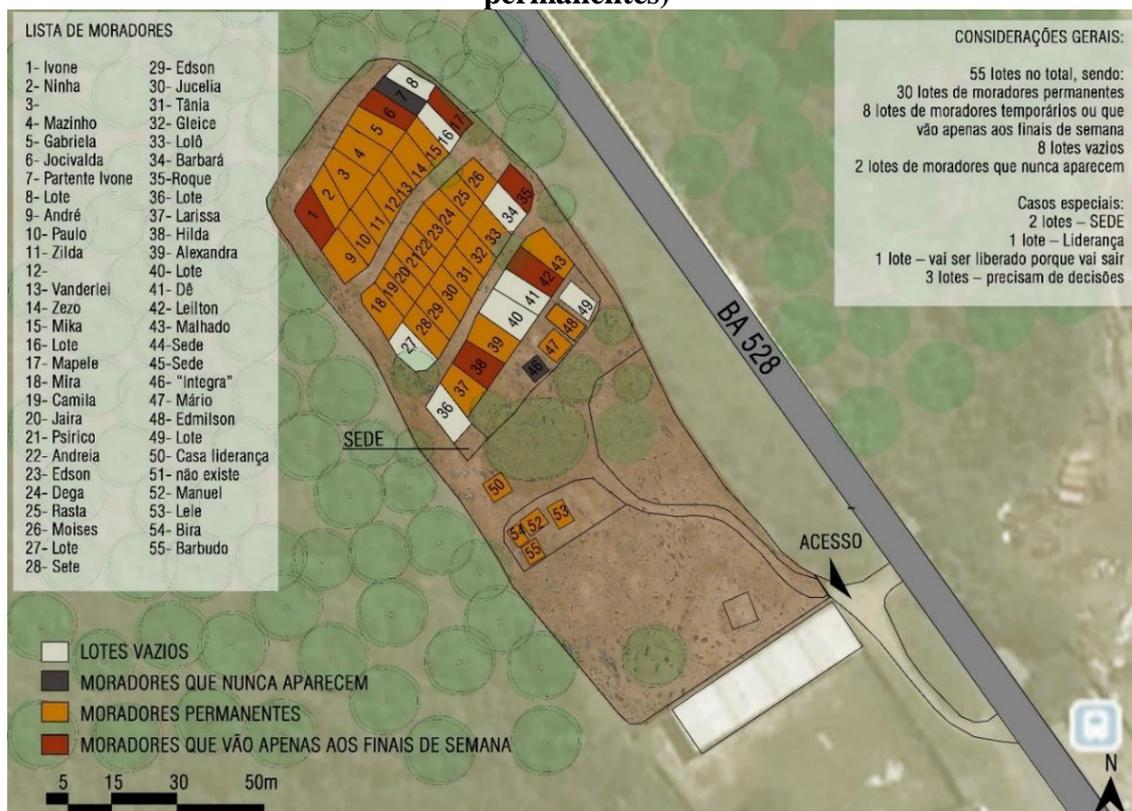
Fonte: Própria da Autora

Na semana do levantamento tivemos reuniões com o MSTB e a ocupação para falar do processo de reintegração de posse, onde o ponto central foram os barracos vazios, que deveriam ser ocupados por novas famílias. Observou-se que essa questão era algo presente desde o início do trabalho, e que não havia mudança até então, com isso, no dia do

⁹ Deixa-se aqui registrado que o levantamento está de acordo como se encontrava no mês de junho e atualmente já houveram modificações no território, como construções de novas casas, retirada de outras, diminuição de ruas, entre outras mudanças.

levantamento, como estratégia de contribuir com essa demanda, realizou-se um levantamento junto a liderança Loló, lote a lote, o nome e a situação de cada um, para que houvessem mudanças e que novas famílias pudessem ocupar os terrenos e os barracos que estavam vazios, gerou-se um mapa (figura 60) desse levantamento e foi entregue a Loló na semana seguinte.

Figura 53: Mapeamento da situação dos lotes (moradores temporários e permanentes)



Fonte: Equipe RAU+E (2017)

5.3.2 Iluminação externa

Além dos levantamentos apresentados acima, outro levantamento que se fez necessário no decorrer do processo, e que se encontra na temática das fragilidades de infraestrutura da ocupação, é a iluminação externa, demanda apresentada desde o início, e que se manifestou mais fortemente após os homicídios.

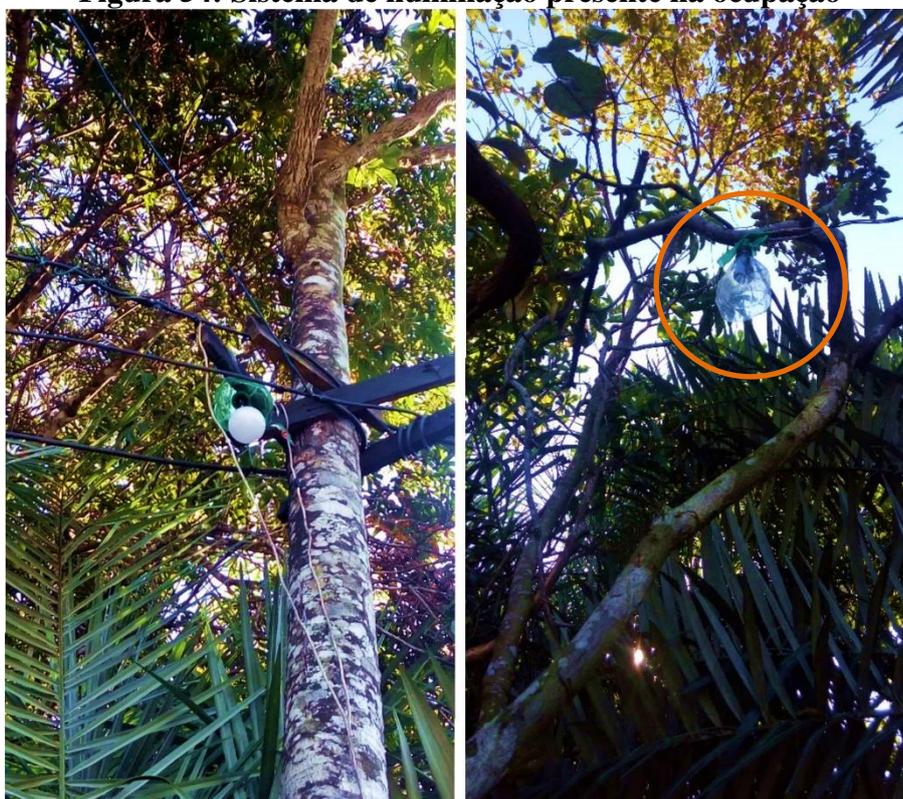
A iluminação externa presente é composta por lâmpadas de LED e incandescentes, e um refletor na entrada da comunidade, em duas ruas quase não há lâmpadas, e a iluminação fica por conta apenas das casas. Utiliza-se de garrafa pet cortada para proteger

as lâmpadas da chuva e intempéries, mas ainda assim não é eficaz, fazendo com que a lâmpada dure menos.

Como a ocupação é composta de árvores e margeada por vegetação densa, e estar em um nível elevado com a BA 528, tais características não contribuem para a iluminação, sendo necessária uma iluminação mais potente para se obter um melhor resultado.

Dessa forma, é necessário repensar os pontos de luz, o ideal seria o uso de refletores para possibilitar boa iluminação, principalmente próximo da mata, colocar pontos de luz nas ruas, e encontrar novas proteções mais eficazes contra intempéries para as lâmpadas, tais modificações contribuirão trazendo mais segurança e conforto para o local e para os moradores.

Figura 54: Sistema de iluminação presente na ocupação



Fonte: Própria da Autora

Uma outra alternativa possível, ao invés dos holofotes, que tem um custo e manutenção mais elevado, é o poste da ONG Liter of Light (litros de luz)¹⁰ que, espelhada na Luz de Moser, criou a ONG para levar luz para aqueles locais com difícil acesso. O

¹⁰ Entrei em contato com a ONG para saber mais informações sobre como é a atuação, escolha das comunidades trabalhadas, se tem representantes da ONG em Salvador ou Bahia, já que tiveram atuação na Bahia, para que se se iniciasse um diálogo e quem sabe desenvolver algum projeto junto com a ocupação. Mas até o momento não tive retorno.

poste é de energia solar, com materiais alternativos e reciclados, de baixo custo e que tem eficiência. Na figura 62 encontra-se uma imagem do poste externo e logo abaixo a relação do material necessário para implementação e valor estimado pela organização.

Figura 55: Poste externo - ONG Liter of Light



Fonte: ONG Liter of Light

Recursos materiais necessários para implementação da tecnologia, segundo a ONG Liter of Light:

- 1 – Placa Solar: Placa Solar 10W; Fio; Suporte Alumínio Placa 3,18 x 25,4 x 25,4 mm; Parafuso pequeno; Parafuso grande; Porca; Arruela;
- 2 – Estrutura: PVC Tubo 100 mm; PVC Tê 50 x 50 mm; PVC Joelho 45 Graus 50 mm;
- 3 – Vedação: Caixa Hermética Tamanho Médio; Suporte Alumínio Bateria 330 x 13 x 2 mm; Parafuso auto tarrachante; Organizador de fios; Cabos para fixação;
- 4 – Eletrônica: Bateria 12V 7Ah; Porta fusível; Fio; Terminal; Fusível; LED 3 Diodos Branco; Garrafa PET 2L; Suporte Alumínio LED 330 x 13 x 2 mm; Suporte Alumínio Soquete 180 x 15 x 1 mm; Fio; Parafuso grande 2; Parafuso pequeno; Arruela de pressão; Porca; Arruela; Circuito;
- 5 – Consumíveis: Tinta Spray 350 ml Azul Oceano; Adesivo PVC 175 g; Adesivo Silicone 280 g.

Valor estimado para a implementação da tecnologia, considerando o valor de material, frete e os descontos de fornecedores, o custo total do poste fica aproximadamente R\$350,00.

5.3.3 Oficina I – Mapeando áreas livres: Como podem usar as áreas livres?

Dentro das temáticas do projeto específico, foi realizada uma oficina de áreas livres e comuns, que teve como objetivo, identificar com os moradores essas áreas e seus possíveis usos. Com uma imagem satélite impressa da ocupação, na qual a escolha se deu, devido a identificação e interesse dos moradores por mapa, em outrora, na oficina de diagnóstico.

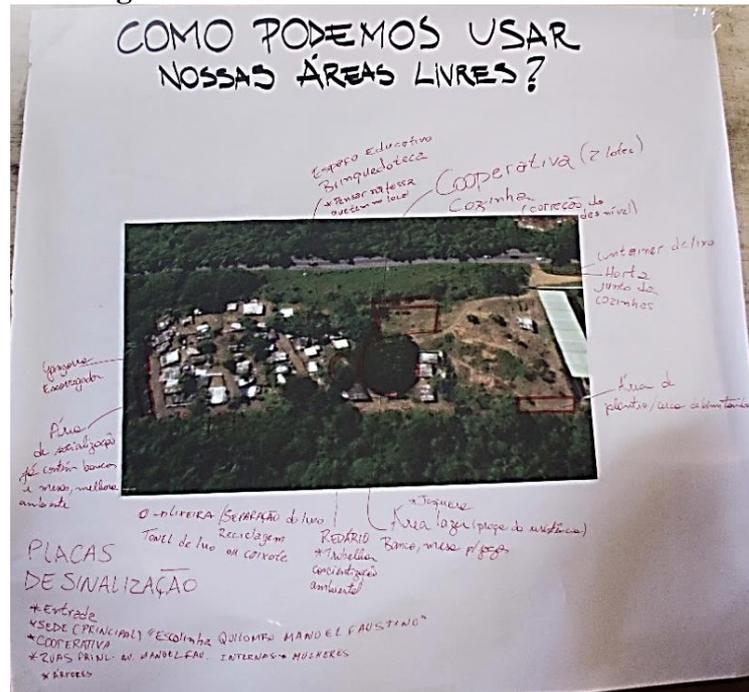
Conforme conversa e mapeamento, as moradoras trouxeram locais onde no passado já se teve uso e equipamentos, como a praça da resistência, bem na entrada, junto à jaqueira, que havia banco e mesas para jogos. Falaram em sonhos e vontades, como o local da cooperativa, onde será construída a cozinha coletiva para produção das mulheres, o espaço educativo para as crianças (brinquedoteca), utilizar a primeira rua e aproveitar do desnível para fazer gangorra e escorregadeira para as crianças, falaram do local da futura horta, de melhorias das áreas de socialização existentes, e de preservação do local, colocando lixeiras por toda a rua principal, e sinalização com placas pela ocupação, nome das ruas, da sede, placas interativas, árvores.

Figura 56: Oficina de áreas livres e comuns



Fonte: Equipe RAU+E (2017)

Figura 57: Oficina de áreas livres e comuns



Fonte: Equipe RAU+E (2017)

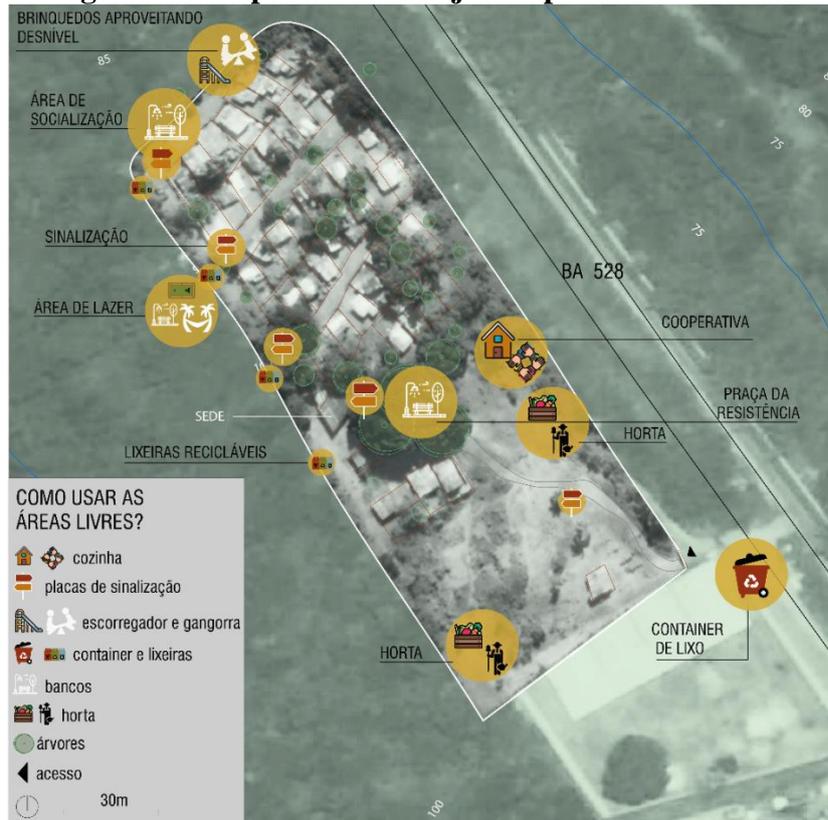
A seguir serão apresentados os mapas resultantes da oficina em questão, onde em 1 apresenta-se os usos que já existiram e hoje não existem mais (Figura 65) e o outro (Figura 66) apresenta os desejos mapeados pelos moradores.

Figura 58: Mapa usos que não existem mais



Fonte: Própria da Autora

Figura 59: Mapa com os desejos mapeados na oficina



Fonte: Própria da Autora

Dentro dessas propostas apresentadas acima algumas já estão em desenvolvimento pela equipe, como a horta e a cozinha, e as placas de sinalização já foram concluídas durante o processo junto à ocupação. Para as demais demandas são apresentadas propostas as quais os próprios moradores podem colocar em prática com materiais recicláveis e de fácil acesso. (As propostas encontram-se na prancha em anexo).

5.3.4 Oficina III - Criando Placas e nomeando espaços + iluminação natural

Um dos levantamentos feitos na oficina de áreas livres, e possibilidades levantadas em orientação conforme estratégia de repensar as atuações após os homicídios, foi a ação de placas, tanto para a sede como as áreas comuns, ruas e árvores, demarcando áreas e nomeando espaços. Essa ação também foi pensada devido a necessidade de ações e atividades práticas junto com eles, para instigar a participação e movimentação, a troca entre os moradores, e o efeito dessa ação no território e percepções deles e sentimento de pertencimento, visto que as placas foram produzidas e colocadas por eles próprios, e também para quebrar práticas que a academia tanto pratica nesses territórios, que é o

levantamento de informações, mapeamentos, interesses, vontades e possibilidades, e não dá retornos diretos e efetivos, mesmo que ínfimos.

A experiência desta ação na ocupação foi um momento de descobertas, onde sozinhos, nas produções das placas, surgiram resultados maravilhosos, uma criatividade gigantesca, uma sensibilidade e vontade pelo que estavam fazendo. Na figura 70 e 71 mostram o que foi o processo e resultados.

Figura 60: Oficina criando placas, nomeando espaços



Fonte: Equipe RAU+E (2017)

Figura 61: Oficina criando placas, nomeando espaços



Fonte: Equipe RAU+E (2017)

Junto da ação das placas, foi apresentado aos moradores uma técnica de iluminação natural, lâmpada de garrafa pet¹¹, conhecida também como “Luz de Moser”. Esse tema surgiu, pois, os moradores ficaram alguns dias com a luz cortada, chegou até a pegar fogo em uma casa por conta de vela. Essa é uma técnica interessante, que utiliza poucos materiais e que normalmente se tem em casa, contudo tem a limitação de ser utilizada apenas durante o dia, pois é o sol que em contato com a água ilumina o ambiente.

Com um esquema descrevendo o que é, para que serve e os materiais necessários para fazer e junto de um protótipo transmitiu-se a técnica para os moradores presentes na oficina; mostrou-se também um vídeo ensinando a instalar a lâmpada em uma casa e mostrou-se, através do protótipo na área externa com incidência solar, o efeito que a garrafa tem com água e a luz solar, como pode ser observado na figura 64.

Figura 62: Apresentação da lâmpada de pet - Iluminação natural



Fonte: Equipe RAU+E (2017)

5.3.6 Oficina IV – Fragilidades e possibilidades

Direcionando para a etapa final e chegando em um produto, desenvolvi uma oficina para dialogar a respeito das fragilidades de infraestrutura presentes na ocupação, mostrando que há alternativas, em que, juntos, poderiam mudar essas situações, com baixo custo e com materiais disponíveis de fácil acesso. Utilizou-se da ferramenta data show para direcionar a conversa dos temas através de figuras e vídeos.

O início da oficina se deu com uma dinâmica rápida onde dialogávamos a respeito dos direitos sociais básicos previstos em lei e sobre a APA. Uma pergunta era colocada para que eles falassem a respeito da importância do local onde moram, pois estão inseridos na APA. Trabalhamos a consciência ambiental, o entendimento que eles têm que ter

¹¹ Pretende-se realizar a instalação de lâmpadas de pet, na cozinha que está sendo montada. Para que moradores aprendam na prática a instalação e possam instalar em suas casas, quando for de interesse.

cuidado com a forma de viver e preservar, pois podem interferir nessa área ambiental, portanto, é importante que tentem não poluir, desmatar, nem jogar lixo. Pontuando toda a importância e o benefício que ela proporciona para a ocupação, como alimentação, com as árvores frutíferas, conforto ambiental, acústico, paisagem, um microclima agradável.

Foram levados mapas pra eles verem onde estão, qual a relação com a cidade, com a APA, a pedreira que se encontra ao lado, (observou-se durante o processo que eles gostavam muito de ver a ocupação de cima), então os mapas foram levados mais para conhecimento, para utilizar do data show para proporcionar outras visualizações.

Por fim, levei figuras e vídeos sobre os temas das fragilidades: água, iluminação, lixo e saneamento básico, mobiliário e parquinho, e íamos conversando tema por tema, por que solucionar e como solucionar. Essa metodologia foi adotada com o objetivo de mostrar que é possível desenvolver soluções conforme os problemas com alternativas de baixo custo e com materiais recicláveis.

Depois da apresentação das possíveis soluções trouxe perguntas para que eles refletissem dentro das fragilidades: Como colocar em prática? o que mudar primeiro? O que é mais acessível para fazer? Quais matérias já tem? Chegaram então a escolha de que gostariam de trabalhar primeiro com o espaço de lazer para as crianças e mobiliários, que são espaços coletivos, que proporcionam interação e aproximação entre os moradores. A escolha também se deu pelo material que já tem ou que é de fácil acesso, como pneus, tintas e pallets.

Figura 63: Oficina Fragilidades e Possibilidades



Fonte: Própria da Autora

Figura 64: Dialogando a respeito das fragilidades e possibilidades



Fonte: Própria da Autora

5.3.7 Projeto Parquinho e Mobiliário

Com a última oficina realizada, descrita acima, os moradores escolheram, dentro das possibilidades para resolver as fragilidades presentes na ocupação, começar pelo parquinho e mobiliário, devido à falta de espaços com equipamentos de lazer e infraestrutura.

O parquinho contribui para as mães que estarão trabalhando na cozinha, entre outras situações como reuniões, oficinas, uma vez que teriam um local onde as crianças fiquem “seguras” e tenham um local de lazer, e o mobiliário é o interlocutor da socialização, permanência e coletividade.

Ambos projetos foram pensados com a reutilização de materiais, em que seriam de fácil acesso ou baixo custo. Os materiais para bancos e mesas serão pallet e pneus, e para o parquinho será pneu e bambu.

O projeto do parquinho e mobiliário está iniciando, foram instalados dois balanços de bambus (figura 76), e um banco foi construído como modelo para possível mobiliário, com o auxílio do sr. Raimundo, coordenação do MSTB, que é carpinteiro.

Figura 65: Início do Parquinho e mobiliário – Balanço e modelo de banco



Fonte: Própria da Autora

As imagens abaixo ilustram as propostas de mobiliário e parquinho, as quais foram pensadas em trabalhar com montagens para interação dos moradores com a proposta, e que de forma lúdica representasse a proposta que será executada, para que eles se apropriassem e se reconhecessem no trabalho desenvolvido. As pessoas participantes são as/os moradores, que foram retirados das fotos das atividades ao longo da assistência técnica durante a Residência.

Figura 66: Proposta de mobiliário



Fonte: Própria da Autora

Figura 67: Proposta Parquinho



Fonte: Própria da Autora

Figura 68: Área de intervenção



Fonte: Própria da Autora

5.3.8 Execução do mobiliário e parquinho

Os trabalhos na ocupação não acabaram! Devido a proposta adotada pela equipe, de executar e deixar intervenções no território, assim se fez. No dia 24 de novembro houve uma ação para construção do mobiliário e preparo do parquinho.

A proposta era fazer 3 tipos de bancos, sendo dois em pneus e um em pallet. Com a data marcada e moradores programados para a atividade, levou-se alguns materiais já cortados e preparados para execução de alguns bancos. Os moradores da ocupação tinham mais pallets e então o trabalho começou. Desmontamos os pallets, começamos a lixar as peças, as crianças pintaram os pneus, encapamos os tampos dos bancos, e aos poucos o trabalho caminhava. Decidimos fazer dois bancos de pallet. Montamos e envernizamos, para que durasse mais tempo. Havia um banco que já tinha sido montado anteriormente (apresentado acima), lixamos e também envernizamos. Vimos então que faltava algo importante para complementar os bancos: uma mesa. A construção dessa mesa trouxe vários significados e possibilidades de usos, em um local marcado pela precariedade.

Eles então organizaram o ambiente conforme a sua vontade (figura 73) e logo vieram os desejos e sonhos, “amanhã vou vir tomar café da manhã aqui”, “dá para fazer piquenique”, “a mesa é bom que dá para ensinar”. Assim, observa-se o valor dado à mesa por essas pessoas.

Devido ao tempo transcorrido no dia da atividade, os bancos de pneu, que seriam feitos por último, ficaram para serem terminados em um próximo dia, pois faltava apenas parafusá-los. Os pneus para o parquinho já se encontram pintados e prontos para uso. Loló relatou que a ação foi importante para demonstrar as possibilidades de trabalho da madeira e pallet, e que eles vão continuar fazendo os móveis para praticar e mostrar que aprenderam.

Sr. Raimundo, que é carpinteiro e liderança do MSTB, foi peça fundamental para um resultado satisfatório da ação. Com seu maquinário e toda bagagem da vida, trouxe ideias e ajudou a fazer acontecer. Além dele, sr. Zezo e a mulherada em peso, que ficou do começo ao fim, o dia todo na construção, aprendendo e trazendo ideias para que esse espaço coletivo saísse do papel.

As fotos a seguir expressam um pouco do que foi a ação junto aos moradores, desde o desmonte do pallet até sua finalização e materialização no mobiliário.

Figura 71: Preparação mobiliário e pintura dos pneus para parquinho



Fonte: Própria da Autora

Figura 72: Montagem do mobiliário



Fonte: Própria da Autora

Figura 73: Finalização mobiliário



Fonte: Própria da Autora

Figura 69: Preparo mobiliário - bancos de pneu



Fonte: Própria da Autora

Figura 70: Início parquinho



Fonte: Própria da Autora

Um dos brinquedos escolhidos pelas crianças foi o escorregador, sendo necessário um preparo anterior para a execução do mesmo. Dispúnhamos de alguns materiais na qual solicitamos pelo paexdoc, e através da marcenaria da FAUUFBA começou um preparo na madeira para que pudesse levar para a ocupação já preparada e assim fazer as outras etapas necessárias. A seguir será apresentado uma sequência de fotos que correspondem as etapas de preparo do escorregador.

O início se deu com duas tábuas (0,27x2,00) pinus cruas sendo necessário um bom lixamento para torna-la lisa, para prevenir que farpas não machuquem as crianças, e quanto mais lisa a superfície mais escorregadia fica, assim usou-se lixa 60,80,120 para lixamento. A junção das tábuas se deu com 6 cavilhas e cola de madeira, usando também caibro ao fundo para ajudar na resistência e apoio das tábuas.

O projeto continua em andamento e será executado ainda este ano, sendo necessário montar a escada, fazer a junção e montar o brinquedo.

Figura 71: Lixamento das tábuas



Fonte: Própria da Autora

Figura 72: Junção e apoio das tábuas



Fonte: Própria da Equipe

Figura 73: Escorrega pronto



Fonte: Própria da Autora

As imagens expressam o desenvolvimento dos projetos desde os mobiliários até o parquinho, sendo que algumas etapas continuam em desenvolvimento e outras estão a cargo dos moradores finalizarem. Pretende-se com os desdobramentos dos projetos um acompanhamento mais próximo em 2019 para que se observe a interação dos moradores com os equipamentos e como os mesmos se comportaram a respeito de resistência, durabilidade, etc, para assim obter uma avaliação das ações e produtos executados.

6. CONCLUSÃO

Trabalhar com assistência técnica se mostrou um desafio, uma vez que o tempo planejado pela academia é diferente da dinâmica de tempo na vida real, da vivência na ocupação com a influência de diversos fatores imprevisíveis, das expectativas e sentimentos que se geram com a presença em campo, e diversos fatores que permeiam este tipo de trabalho. Em contrapartida é possível adquirir um grande aprendizado a partir das experiências, para ambas as partes.

Acredita-se que o trabalho exposto aqui, realizado junto à ocupação, dentro de todo o contexto de problemáticas e da realidade enfrentada por eles, foi satisfatório, tanto para

os moradores, quanto para equipe. Nesse tempo em campo foi notável a mudança entre os moradores, o envolvimento, engajamento, participação e vontade de mudança.

O trabalho com a ocupação não acabou, pelo contrário, parece estar começando. Observa-se ser extremamente importante uma continuação da assessoria técnica, seja por uma nova equipe na próxima turma, financiamento para continuação da assessoria e concretização dos projetos, equipes de graduação ou de forma voluntária. Pois pelo contexto presente, ter um técnico assessorando é de grande valor. Visto que ainda há muitas demandas a serem trabalhadas, além dos desdobramentos que o trabalho gerará.

Paralelo ao acompanhamento técnico se faz necessária a presença de outros profissionais na construção da assessoria técnica na ocupação, como arquitetos e urbanistas, geógrafos, biólogos, assistentes sociais, psicólogos e engenheiros, para trabalhar situações específicas e lidar com as diversas complexidades.

Muitos são os trabalhos para desenvolver na ocupação, nesse tempo em campo, muitos temas e demandas surgiram, sendo difícil aprofundar ou direcionar a apenas um trabalho. Observa-se que a temática ambiental é um tema forte, e que é necessário um aprofundamento, trabalhando uma maior conscientização ambiental com relação ao local onde moram, torná-los “guardiões da APA” para contribuir no manejo, limpeza e cuidado com o local, dialogando com as situações presentes, como as fragilidades mapeadas, por exemplo. A habitação não foi tema tratado pela equipe, mas que vale a pena um direcionamento, propondo projetos, melhorias, maneiras de morar melhor dentro da realidade existente. E, por fim, continuar a desenvolver trabalhos em grupo para fortalecer cada vez mais a união e o senso de coletividade entre os moradores, pois para que qualquer trabalho ou mudança aconteça, os moradores precisam estar unidos, para somarem força e fazerem acontecer, a fim de alcançar melhorias para todos.

Observa-se que dentro da proposta do grupo, na qual a materialidade, era um dos objetivos e vontades presentes, mesmo que de forma limitada, se obteve grande êxito. Pois proporcionou diversas trocas entre a equipe e moradores, mostrando que a academia tem capacidade de dar retornos mais efetivos e que contribuirão de forma direta na realidade presente.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO, Bruno Lara de; ARAUJO Denílson Moreira de. **AS RURALIDADES DO MOVIMENTO SEM TETO DA BAHIA (MSTB)**. II Simpósio Baiano de Geografia Agrária: Entre a teoria e a prática, articulações e resistências, Salvador-Bahia 2017.

INEMA, Instituto do meio ambiente e recursos hídricos, **APA Bacia do Cobre / São Bartolomeu**, 2001. Disponível em: <<http://www.inema.ba.gov.br/gestao-2/idades-de-conservacao/apa/apa-bacia-do-cobre-sao-bartolomeu/>>. Acessado em: 05 de janeiro de 2018

JOSÉ, Emiliano, Carta Capital, **A revolta dos búzios**, 2009. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/a-revolta-dos-buzios>> Acessado em: 18 de dezembro de 2017.

MARICATO, Ermínia. **Para entender a crise urbana**. 1. Ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2015. 112 p.: il.

MIRANDA, Luiz Cezar. **Vizinhos do (in)conformismo: O Movimento dos Sem Teto da Bahia entre a hegemonia e a contra-hegemonia**. Salvador, Bahia. 2008

PDDU - SALVADOR, Lei nº 9.069/2016. Dispõe sobre o **Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano do Município de Salvador** – PDDU 2016

O Caminho das Águas em Salvador: Bacias Hidrográficas, Bairros e Fontes / Elisabete Santos, José Antonio Gomes de Pinho, Luiz Roberto Santos Moraes, Tânia Fischer, organizadores. - Salvador: CIAGS/UFBA; SEMA, 2010. 486p.:il.;- (Coleção Gestão Social)

8. ANEXOS

Anexo 1 - Dados da ocupação:

Nome do bairro e localidade:

A ocupação Quilombo Manuel Faustino encontra-se no Subúrbio Ferroviário de Salvador, no bairro de Pirajá¹², entre a BA 528 – Estrada do DERBA – e a margem da Área de

¹² Ter uma definição precisa acerca da localização/bairro da ocupação é complicado, pois os moradores e os dados existentes em trabalhos acadêmicos dizem que a mesma localiza-se em Periperi, porém, conforme o estudo “Caminho das Águas” (2010), utilizado pela prefeitura para se embasar durante a delimitação dos bairros de Salvador, a ocupação está inserida no bairro de Pirajá. Há quem diga, também, que a mesma está localizada no bairro de Valéria, conforme o documento da Secretária da Fazenda (2016).

Anexo 3 - Modelo de cadastro feito pela equipe



RESIDÊNCIA AU+E/UFBA
Assistência Técnica em Habitação e Direito à Cidade
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Data: ___/___/___

Nome: _____ **RG:** _____ **CPF:** _____
Idade: _____ (anos) **Naturalidade/Mun** _____ **Nº NIS** _____
Nº Inscrição MCMV: _____ **Tempo de Inscrição MCMV:** _____ (anos)

GÊNERO
 Homem () Mulher () Outro ()

RAÇA/COR
 Preto () Índigena () Pardo () Branca () Amarela () Outra: _____

ESTADO CIVIL
 Solteira () Casada () Divorciada () Viúva () União Estável () Outro ()

ESCOLARIDADE
 Fund. Completo () Fund. Incompl () Médio Comp () Médio Incom () Sup. Compl ()
 Sup. Incom () Curso técnico /Profissional. () Qual? _____ Analfabeto () Não se aplica ()

DEFICIÊNCIA
 Física () Auditiva () Visual () Intelectual/Mental() Outra: _____

PROCEDÊNCIA
 Outra Bairro () Mesmo Bairro () Outro Município () Outro Estado () Qual: _____

SITUAÇÃO OCUPACIONAL/TRABALHO
 Trabalho Formal () Trabalho informal () Desempregado () Aposentado/Pension ()
 Encost/em benef () Do lar () Estudante () Outro/O que: _____

HISTÓRICO
 Há quanto tempo mora na ocupação? _____
 Porque reside na ocupação?

 De onde veio? E qual situação se encontrava? (Aluguel, morando com a família, ocupação..)

 No local de origem, trabalhava com o que? _____
 Tem parentes residindo na comunidade? Qual o grau de parentesco? (Não necessariamente na mesma casa)

DADOS DA FAMÍLIA						
Nome	Relação Parent.	Sexo	Idade	Educação	Deficiência	Atividade profissional

HABITAÇÃO Nº do lote: _____ Nº de comod.: _____
 Tipologia da casa
 Alvenaria () Madeira () Mista () Improvisada ()
 Você que construiu sua casa?
 Sim () Não ()
 Você tem um valor médio que investiu na construção?
 Sim () Não ()
 Existe Comércio na casa?
 Sim () Não ()

Esgoto Sanitário
 Rede pública () Vala () Fossa () Balão ()

Luz
 Medidor individual () Cedida vizinho () Gato() outros ()

Água
 Dentro () ou Fora () / Rede () Poço () Gato () Outros ()

Lixo
 Recolhido p/ prefeitura () Recolhido p/ morador () Enterrado () Queimado ()
 Jogado em terreno baldio ()

DIVERSAS
 O que você faria se tivesse a posse da terra?

Você pensa em ganhar a casa própria e sair da comunidade; ou quer se estabelecer neste local, buscando a consolidação, moradia e benefícios? Por que?

Em qual bairro utiliza os serviços públicos? (Posto de saúde, CRAS, etc)

Em qual bairro utiliza comércio, lazer ?

Recebe algum benefício do governo? (Cadastro único, bolsa família, ID Jovem....)

Você vê alguma forma de geração de renda na comunidade?

Você acha que falta algo na comunidade? Se sim o que?

Obs.
